

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
COLÉGIO TÉCNICO INDUSTRIAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
MESTRADO ACADÊMICO

Daniela Tatsch Neves

**PERCEPÇÕES E AÇÕES DOCENTES FRENTE ÀS DIFICULDADES
DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES NA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Santa Maria, RS

2022

Daniela Tatsch Neves

**PERCEPÇÕES E AÇÕES DOCENTES FRENTE ÀS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES NA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), área de concentração Formação de Professores para a Educação Profissional e Tecnológica como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Educação Profissional e Tecnológica**.

Orientadora: Prof. Dra. Sabrina Fernandes de Castro

**Santa Maria, RS
2022**

Neves, Daniela Tatsch

PERCEPÇÕES E AÇÕES DOCENTES FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA / Daniela Tatsch Neves.- 2022.

70 p.; 30 cm

Orientadora: Sabrina Fernandes de Castro
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Técnico Industrial, Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, RS, 2022

1. Educação Profissional e Tecnológica 2. Educação Especial 3. Dificuldade de aprendizagem. I. Fernandes de Castro, Sabrina II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRM 10/1728.

Declaro, DANIELA TATSCH NEVES, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

RESUMO

Percepções e ações docentes frente às dificuldades de aprendizagem de estudantes na Educação Profissional e Tecnológica

AUTOR: Daniela Tatsch Neves

ORIENTADORA: Profa. Dra. Sabrina Fernandes de Castro

As dificuldades de aprendizagem estão presentes em todos os níveis de ensino, entretanto, a forma como os professores atuam frente a estes estudantes é ainda pouco abordada em pesquisas acadêmicas na Educação Profissional e Tecnológica. Assim, este estudo objetivou investigar as práticas pedagógicas dos professores na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), em relação aos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas individuais, com professores da área de educação profissional e tecnológica do Colégio Politécnico e Colégio Técnico Industrial, da Universidade Federal de Santa Maria, rede federal de ensino, da cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul - Brasil. Como resultados, constatou-se que os professores necessitam de formação continuada, estimuladas e fornecidas pelas instituições de ensino, para aprimorar a sua prática frente aos estudantes com dificuldades de aprendizagem. Os docentes entrevistados, em geral, realizam adaptações em seus planejamentos, mas isto não é uma unanimidade. As práticas pedagógicas dos professores na educação profissional e tecnológica em relação aos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem são flexíveis, contam com o auxílio de estagiários que compõem o apoio pedagógico. Em geral, não há elaboração de um planejamento adaptado para eles. Espera-se que esta pesquisa contribua, especialmente, na vida de estudantes inseridos na EPT que apresentam dificuldade de aprendizagem e na prática pedagógica de seus professores.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica. Educação Especial. Dificuldade de aprendizagem.

ABSTRACT

PERCEPTIONS AND TEACHING ACTIONS FACING THE LEARNING DIFFICULTIES OF STUDENTS IN VOCATIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION

AUTHOR: Daniela Tatsch Neves

SUPERVISOR: Sabrina Fernandes de Castro

Learning difficulties are present at all levels of education, however the way in which teachers work with these students is still not often addressed in academic research in Vocational and Technological Education (VTE). Thus, this study aimed to investigate the pedagogical practices of teachers in Vocational and Technological Education (VTE) in relation to students who have learning difficulties. This research has a qualitative approach developed through individual semi-structured interviews with teachers in the area of professional and technological education of Colégio Politécnico and Colégio Técnico Industrial of the federal education network in the city of Santa Maria in Rio Grande do Sul - Brazil. As a result, it was found that teachers need continuing education, provided and encouraged by educational institutions to improve their practice in front of students with learning difficulties. The interviewed professors, in general, make adaptations in their plans, but this is not unanimous. The pedagogical practices of teachers in professional and technological education in relation to students who have learning difficulties are flexible, with the help of interns who make up the pedagogical support service. In general, there is no elaboration of a plan adapted for these students. We hope that this research will contribute, especially, to the lives of students enrolled in the VTE who have learning difficulties and to the pedagogical practice of their teachers.

Keywords: Vocational and technological education. Special education. Learning difficulties.

APRESENTAÇÃO

Início este trabalho, trazendo um pouco de minha trajetória, do percurso que me trouxe até aqui. Fiz a opção pelo Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica para conhecer e aprofundar os conhecimentos nessa área, após já ter realizado outras especializações na área de educação.

No ano de 2017, procurando me especializar para conseguir uma vaga no mundo do trabalho, cursei a Especialização em Metodologias dos Anos Iniciais -Oficinas Pedagógicas; já no ano de 2019, a fim de complementar minha formação e buscar titulação para um concurso público, cursei a Especialização em Educação Infantil. Cursei, ainda, em 2019, a Especialização em Psicopedagogia Institucional, para qualificar a minha prática. No entanto, a vontade de pesquisar e produzir alternativas para avaliação e planejamentos diferenciados persistiu, mesmo após esta especialização e, por essa razão, apresento este trabalho de conclusão de pesquisa.

A minha área de formação é licenciatura em Pedagogia e Gestão Escolar (2009); trabalho como professora na rede municipal de educação, desde 2015 até os dias atuais. No período de agosto a dezembro de 2015, ingressei, por meio de um contrato temporário, na Prefeitura de Santa Maria, atuando em uma turma de 5º ano do ensino fundamental, onde minha paixão pela docência aflorou. Além de especializações na área, fiz concursos públicos e, em abril de 2018, fui nomeada como servidora pública, atuando como professora dos anos iniciais na Prefeitura de Santa Maria.

Em março de 2019, fui convidada a trabalhar com o serviço de apoio pedagógico no Programa de Atendimento Educacional Especializado – PRAEM. Houve, então, a busca de mais qualificação na área da educação especial para lidar com os estudantes que possuem características específicas em seu desenvolvimento, porque ansiava por fazer um bom trabalho frente às variadas dificuldades nas aprendizagens no cotidiano desses discentes. Fui convidada a assumir o cargo de coordenação pedagógica dos anos iniciais e educação infantil da escola onde atuo, e faço isso atualmente. Com essa prática, percebo a importância da formação dos professores para interagir frente aos estudantes que possuem algum tipo de dificuldades de aprendizagem.

O interesse por esta pesquisa surgiu das práticas com estudantes com dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental e da preocupação com a formação dos professores nessa atuação em sala de aula comum. Senti-me motivada, curiosa

e instigada a conhecer a Educação Profissional e Tecnológica e voltei o projeto para essa área na linha de Políticas e Gestão em Educação Profissional e Tecnológica, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PPGEPT), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

No ano de 2020, ingressei no mestrado, em edital específico para o tempo de pandemia do Covid-19, com aulas e orientações remotas. Após alguns encontros com os professores, definimos que minha pesquisa abrangeria a formação dos professores, referente aos estudantes com dificuldades de aprendizagens, em duas instituições federais da cidade de Santa Maria, sendo elas: Colégio Politécnico e Colégio Técnico Industrial - CTISM, que oferecem cursos na área de educação profissional e tecnológica, conforme apresentarei nos capítulos a seguir.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Dados do IBGE.....	12
QUADRO 2 - Distribuição dos artigos pesquisados	18
QUADRO 3 – Cursos disponibilizados nas instituições de ensino.....	29
QUADRO 4 - Caracterização dos participantes do estudo.....	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
MEC	Ministério da Educação
CAFe	Comunidade Acadêmica Federada
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
IFET	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.
Sistema S	Conjunto de nove instituições de interesse de categorias profissionais, estabelecidas pela Constituição brasileira
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
REDE	Rede de Educação para a Diversidade
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
Pronatec	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
ProfEPT	Programa de Pós-Graduação em EPT
GEPEEDI	Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Especial e Deficiência Intelectual.
CTISM	Colégio Técnico Industrial
AEE	Atendimento Educacional Especializado

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVO GERAL	14
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
2	JUSTIFICATIVA	15
3	REVISÃO DE LITERATURA	17
3.1	AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA 17	
3.2	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	19
3.3	FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAÇÃO NA EPT	21
3.3.1	Dificuldades e transtornos de aprendizagem: a prática pedagógica dos professores	24
4	MÉTODO	28
4.1	FORMA DE COLETA DOS DADOS	32
4.2	CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	32
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
5.1	CONCEPÇÕES SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	34
5.2	AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	38
5.3	ADAPTAÇÃO DO PLANEJAMENTO PARA OS ESTUDANTES COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	46
5.4	FORMAÇÃO CONTINUADA PARA APRIMORAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	52
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICE I - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA OS PROFESSORES	65
	ANEXO I - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	66
	ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	67
	ANEXO III - Autorização	69
	ANEXO IV - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	70
	ANEXO V - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	71

1 INTRODUÇÃO

A educação no Brasil avança, gradativamente, a partir das pesquisas e da construção de saberes em vários segmentos e áreas, conduzindo o processo ensino-aprendizagem às práticas docentes mais aprimoradas. O direito à aprendizagem é garantido pela Constituição Federal (1988) e pela Lei de Diretrizes e Bases - LDB (nº 9394, de 1996). Com essa prerrogativa, apresenta-se esta pesquisa como uma possibilidade de reflexão acerca do trabalho docente com estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem, matriculados na Educação Profissional e Tecnológica - EPT.

Nosso país tem conquistado significativas mudanças e reformas abrangendo todos os níveis de ensino, a exemplo da ampliação do acesso e permanência, redução das desigualdades sociais, ampliação do número de professores, valorização de sua formação, investimento de saberes técnicos, humanos e pedagógicos aos profissionais da educação, investimentos na qualificação e gestão escolar. Também, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação brasileira, houve um aumento de políticas educacionais.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, entre os anos de 2005 e 2015, não se observou grande variação na frequência escolar dos estudantes em geral, ficando em 36,2% e 36,5%, nos respectivos anos. A desagregação por idade nos informa que a porcentagem de estudantes de 15 a 17 anos que ia à escola obteve um crescimento de 81,6% para 85,0%. Houve uma queda no percentual dos estudantes que estudavam e trabalhavam, assim como um aumento no número dos estudantes que apenas estudavam, em todo o Brasil (IBGE, 2016).

No entanto, os dados do IBGE de 2019 mostram que o número de indivíduos com 25 anos de idade ou mais que concluíram o ensino básico, tendo o ensino médio, aumentou de 47,4%, em 2018, para 48,8%. No ano de 2019, 46,6% da população com 25 anos ou mais estava com o ensino fundamental completo; 27,4% possuíam o ensino médio completo ou equivalente; e 17,4%, o ensino superior (IBGE, 2019).

Quadro 1 – Dados do IBGE

ANO - IDADE	PERCENTUAL
2019 – 25 anos ou mais	aumentou de 47,4%, em 2018, para 48,8% - finalizaram a educação básica obrigatória
2019 – 25 anos ou mais	46,6% da população - nível de instrução até

	o ensino fundamental completo
2019 – 25 anos ou mais	27,4% possuíam o ensino médio completo
2019 – 25 anos ou mais	17,4%, o superior completo

Fonte: dados do IBGE.

O Brasil demanda qualidade nos serviços prestados no que se refere à parte educacional. Isso a fim de garantir um ensino aprendizagem essencial para que o cidadão tenha uma formação autônoma, tornando-se participativo e crítico, sendo capaz de trabalhar demonstrando competência e responsabilidade com a comunidade de que faz parte (BRASIL, 1998). O acesso e a permanência à Educação é direito primordial para o avanço e ampliação da democracia e da cidadania, sendo de extrema importância os investimentos públicos em educação para diminuir a criminalidade, a fome, assim como para o crescimento da economia e acesso aos direitos dos cidadãos.

No Brasil, a Educação Profissional e Tecnológica surge como um ramo da educação para facilitar e preparar indivíduos no aperfeiçoamento de suas práticas e vivências. Segundo Miranda (2019), para a prática na Educação Profissional e Tecnológica, é importante levar em conta os princípios: educar a partir do trabalho, articular ensino médio e experiências profissionais, associar prática e teoria, usar a interdisciplinaridade, os quais estão associados às diretrizes curriculares da EPT, resolução CNE/CP nº 1, de 5 de janeiro de 2021; e tratam sobre as orientações para elaborar o planejamento e materiais a serem usados com os estudantes, fato que envolve a prática dos professores.

Segundo o Documento Base da EPT, do ano de 2007, é de incumbência dos governos federal, estadual e municipal a (re)composição dos docentes. A formação desses profissionais precisa ocorrer em duas dimensões, quais sejam: uma seria a preparação inicial, na qual os docentes das áreas específicas possuem formação, em geral, em bacharelados, não tendo a formação necessária para a prática pedagógica; a segunda dimensão é a formação continuada, na qual há a necessidade de um repensar na prática pedagógica que quebre com os saberes fragmentados. Cada professor possui formação em uma área e necessita buscar especializações, sendo que a instituição precisa incentivar e promovê-las, especialmente, as direcionadas a trabalhar com os estudantes com dificuldades de aprendizagem.

Para Correia (2008), dificuldades de aprendizagem se configuram como um termo genérico, que caracteriza uma parte heterogênea gerada por limitações das

habilidades de ouvir, conversar, ler, escrever, as quais são decorrentes de um possível transtorno do sistema nervoso.

Nessa direção, esta pesquisa, pretendeu responder às seguintes questões: Quais os desafios que os docentes da EPT têm na atuação frente aos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem? Como os docentes da EPT procuram qualificar sua prática pedagógica para atuar frente aos estudantes com dificuldades de aprendizagem? A instituição de ensino oferece apoio e formação continuada para a melhoria do ensino e das práticas pedagógicas?

Construídos a partir das questões mencionadas acima, são apresentados os objetivos da pesquisa:

1.1 OBJETIVO GERAL

Investigar as práticas pedagógicas dos professores na Educação Profissional e Tecnológica em relação aos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem, a fim de conhecer como esses profissionais modificam as suas metodologias e se preparam para atuar frente a esses estudantes.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever as principais dificuldades de aprendizagem nos estudantes identificadas por seus professores;
- Conhecer as práticas pedagógicas dos professores no acompanhamento de dificuldades acadêmicas identificadas nos estudantes;
- Identificar se há um planejamento adaptado para esses estudantes que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem;
- Conhecer as oportunidades de formação continuada no aprimoramento da prática docente com estudantes com dificuldades de aprendizagem.

Com esses objetivos, a pesquisa foi realizada entre os anos de 2020 e 2022, época está em que o mundo passava por uma pandemia do Covid-19, na qual as pessoas precisaram ficar isoladas por ser um vírus de fácil transmissão: pelo ar, saliva, contato próximos. Por este motivo, muitas alterações foram necessárias, e o impacto do isolamento social pode ser visto, também, nos resultados dessa pesquisa.

2 JUSTIFICATIVA

Consultando a literatura¹, a partir de uma busca realizada no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Ministério da Educação - CAPES/MEC e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, durante o segundo semestre de 2022, sobre o tema da presente dissertação, percebeu-se uma escassa produção científica. Nesse caso, reforçando a justificativa para contribuir na construção do conhecimento, para a reflexão da classe docente sobre a importância da formação continuada e preparo à prática pedagógica com estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem no âmbito do ensino profissional e tecnológico. As pesquisas encontradas e analisadas abordaram questões referentes aos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica e a falta de preparo dos professores à prática docente com estes estudantes.

Sendo assim, este estudo, além de contribuir à construção do conhecimento em educação frente à lacuna encontrada, busca oferecer subsídios para o fazer pedagógico dos professores diante dos estudantes com dificuldades de aprendizagem na EPT. É notório que os professores têm uma grande preocupação no preparo do estudante para o mundo do trabalho, sendo que a questão de rever metodologias para atender às dificuldades de aprendizagens acaba ficando no encaixe da prática diária.

Uma das justificativas pauta-se na LDB, de 1996, que assegura o atendimento educacional especializado (AEE) gratuito, em todos os níveis e modalidades de educação aos estudantes que possuem algum tipo de deficiência, preferivelmente, na rede regular. Contudo, aqueles com dificuldade de aprendizagem não fazem parte do público para a oferta do AEE. Também, a Constituição Federal de 1988 traz que todo cidadão tem direito à educação e o Estado e a família tem o dever de mantê-la, com o objetivo de desenvolver o indivíduo, prepará-lo e qualificá-lo para o mundo do trabalho.

Para a Base Nacional Comum Curricular, o Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica, direito público subjetivo dos estudantes. Entretanto, a realidade educacional do Brasil tem apresentado que essa modalidade de ensino resulta em um gargalo no direito ao ensino.

¹ Esta busca está apresentada de forma detalhada na seção Revisão de Literatura.

Para além da necessidade de universalizar o atendimento, tem-se mostrado crucial assegurar a permanência assim como as aprendizagens dos discentes, respondendo os seus objetivos presentes e futuros, respeitado o processo de aprendizagem de cada estudante.

Devido à carência de aplicação das políticas sociais na prática para auxiliar professores e estudantes no dia a dia em sala de aula, no sentido de trazer reflexões para uma questão tão importante que, muitas vezes, encontra-se invisível, principalmente na educação de jovens e adultos na rede federal, esta pesquisa se faz presente.

A maneira como os professores lidam e refletem sobre a temática das dificuldades de aprendizagem é relevante para a qualidade da formação pretendida neste nível educacional que prepara os estudantes diretamente para o mundo do trabalho. Segundo o Documento Base da educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio, do ano de 2007, é preciso refletir que, mesmo os docentes com licenciatura, necessitam de formação para a prática no ensino médio integrado. Sabe-se que estes possuem formação para atuar no ensino fundamental e médio com caráter propedêutico, e que, no Brasil, de forma obrigatória, em seus currículos, as licenciaturas não contemplam disciplinas que tratem sobre trabalho e educação ou educação profissional e suas relações com a educação básica.

Assim, considerou-se fundamental ouvir os professores sobre o seu fazer pedagógico diante dos estudantes com dificuldades de aprendizagem na EPT. Destaca-se a importância do apoio dos docentes da Educação Profissional e Tecnológica aos estudantes que possuem dificuldades no processo de construção do conhecimento. Também, se destaca a mediação da instituição de ensino, com formações a estes docentes, contribuindo à sua permanência na Educação Profissional e Tecnológica.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Para iniciar a base teórica, destacamos que, neste estudo, utilizou-se o termo “dificuldades de aprendizagem”, em detrimento do termo “transtornos de aprendizagem”, porque abrange um número mais limitado de estudantes, conforme a diferenciação que será apresentada no corpo do texto. Pretende-se abranger inúmeras características dos estudantes, no que se refere à organização, à atenção, entre outros.

A revisão da literatura está dividida em quatro partes: primeiramente, apresentamos a revisão bibliográfica construída com base em uma pesquisa realizada no portal da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; em seguida, apresentamos conceitos sobre a Educação Profissional e Tecnológica; na sequência, uma reflexão sobre a formação de professores; por último, as práticas pedagógicas para atuar frente aos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem, além de pontuar a diferença entre dificuldades e transtornos de aprendizagem.

3.1 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Com o intuito de ampliar a compreensão do tema da pesquisa, qual seja: as dificuldades de aprendizagem na Educação Profissional, foi efetivada uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão. Para o delineamento desta revisão, realizou-se uma busca, no Portal de Periódicos CAPES/MEC e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, nos meses de junho e julho do ano de 2022. Para a organização da estratégia de busca, foi utilizada a combinação dos seguintes descritores: Educação Profissional e Dificuldades de Aprendizagem. Os critérios de seleção foram: pesquisas publicadas nos últimos cinco anos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, e sem recorte temporal no Portal de Periódicos CAPES/MEC, no idioma português, disponíveis online de forma gratuita e revisão por pares.

No levantamento realizado no portal da CAPES foram encontradas 28 pesquisas. Já na Biblioteca, 19 pesquisas.

Após a leitura dos títulos e resumos, surgiram os resultados obtidos, os quais são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 - Distribuição dos artigos pesquisados

Portal	Descritores	Total	Total após refinamentos	Selecionados após leitura de títulos e resumos
CAPES/MEC 2022	Educação profissional e Dificuldades de Aprendizagem	28	28	02
BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES 2022	Educação profissional e Dificuldades de Aprendizagem	19	19	01

Fonte: Autora, 2022

Ao final da análise, restaram 02 artigos e 01 dissertação, os quais serão apresentados a seguir, de forma cronológica.

O estudo de Aguiar (2016) investigou a formação de professores à prática na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e o que acarreta deste preparo no processo de aprendizagens dos estudantes nos cursos técnicos subsequentes no Instituto Federal. Diante do crescimento da rede federal, a necessidade por docentes tem crescido e, com isso, percebe-se uma variedade de preparo e formação dos professores atuantes, que variam da graduação ao grau de mestrado e doutorado, sem preparo para o ensino. A realidade do Brasil se mostra, atualmente, que ainda inexistente uma política pública mais sólida de especialização de professores para prática neste nível da educação. Entretanto, notamos que têm acontecido por pesquisadores algumas discussões nesta área.

Embora haja documentos legais, tem indicações de formação de cunho emergencial e, por vez, isolado que acabam não surtindo resultados efetivos na prática pedagógica. Neste novo tempo, àquela preparação em uma visão disciplinar, fragmentada, sem estabelecer interação das ações e significações, comprometerá a formação do profissional cidadão. Os dados revelaram que os docentes, mesmo os licenciados, encontraram algumas limitações por se tratar da área da EPT, na qual não obteve formação, mas, principalmente, a dificuldade se torna maior por parte dos bacharéis que não tiveram formação para atuarem no ensino. (AGUIAR, 2016, pg. 17).

Desse modo, concluímos que é preciso acontecer formação para os professores que atuam na EPT. O objetivo principal: prepará-los com os saberes específicos

de sua área, para atuarem com metodologias variadas, superando e sanando as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Porém, para quem está na docência e não possui este preparo para atuar na EPT, ficará a cargo da instituição promovê-la de forma continuada, proporcionando reflexões para o aprimoramento e aperfeiçoamento da prática pedagógica.

A pesquisa de Costa (2018) suscitou a preocupação com a evasão dentro do âmbito escolar, observada em todos os níveis da educação como um problema a ser resolvido. Esta evasão pode ter causa em diferentes fatores como: dificuldade do discente que trabalha e estuda, ausência de interesse por estudar, dificuldades de aprendizagem, falta de estrutura na família. Percebendo a relevância do referido tema, nesta pesquisa, procurou-se entender quais os fatores da evasão no âmbito escolar, no curso de pedreiro de alvenaria do Pronatec, o qual foi escolhido por ter apresentado o maior índice, dentre os cursos em andamento, durante o período da pesquisa.

A pesquisa de Rocha e Caetano (2021) objetivou entender como os docentes efetivavam o direito à educação com estudantes que apresentavam dificuldades de aprendizagem, assim como conhecer as principais dificuldades encontradas na prática pedagógica de docentes do ensino médio profissional no ProfEPT. Os dados apontaram a urgência de formação continuada dos docentes, devido ao elevado número desses estudantes no ensino médio e profissional. Todavia, o debate sobre garantia de acesso à educação para eles assim, faz-se necessário uma nova proposta de formação para os professores, que considere a importância da garantia do direito à educação para esse público específico.

Considerando a produção científica acerca da temática desta dissertação, ressalta-se sua relevância social, para a construção do conhecimento e à reflexão da classe docente sobre a importância da formação continuada e preparo à prática pedagógica com estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem, no âmbito do ensino profissional e tecnológico. As pesquisas relatadas acima mostram e certificam o tema, tanto sobre a evasão dos estudantes, assim como a falta de preparo dos professores para a prática docente.

3.2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

No Brasil, no período da colonização é que se deu o início da preparação da mão de obra. Nessa época, os primeiros aprendizes foram os escravos e os índios, caracterizados como as classes mais baixas. Já a classe alta tinha garantido o ensino

propedêutico, o qual preparava para um estudo contínuo. Essa elite considerava qualquer trabalho caracterizado como manual como uma tarefa indigna, assim como repudiava as atividades manufatureiras e artesanais (VIEIRA E JUNIOR, 2016).

Percebe-se que o acesso e permanência dos estudantes à educação, principalmente na EPT, tem cunho histórico e este ensino caracterizado para poucos. Eram e são ainda poucos os estudantes que chegam a este nível de ensino, assim como os que conseguem concluir, devido à historicidade e a questões das dificuldades sociais, culturais e ou mesmo intelectuais.

Assim, no Brasil, a educação profissional surge para qualificar a mão de obra de uma parte da população, o pobre ou desvalido, caracterizada por uma política da área com base no assistencialismo, marcada por disputas sociais, econômicas, filosóficas e culturais que, atualmente, ainda influenciam nas políticas educacionais.

Esse cenário mudaria apenas no século XXI, quando o ensino profissional voltou o foco à qualificação profissional de toda a população brasileira interessada em valorizar o ensino e o trabalho direcionados ao acesso igualitário. Apenas com a reforma da educação profissional advinda da LDB/1996, deu-se ênfase à educação profissional, e a sua concepção continua em debate: de um lado, a priorização da formação mais rápida para o atendimento das demandas produtivas; de outro, a priorização da formação integral do ser humano, inserindo competências e habilidades para a prática, não excluindo o entendimento de elementos científico-tecnológicos e histórico-sociais que movimentam o mundo do trabalho, assim como as relações sociais, fazendo com que os fins educativos não sejam suprimidos pelos fins do capital (FAVRETTO E SCALABRIN, 2015). Corroborando com essa discussão, Santos e Morila (2018) defendem que a educação no Brasil sempre esteve marcada por instabilidades e conflitos, resultados de políticas de governo, muitas vezes, questionáveis, fazendo-se presentes desde as primeiras estruturas da educação profissionalizante.

Revisando o princípio do ensino técnico, em especial dos Institutos Federais, percebe-se que, no Brasil, a educação profissional, técnica e, atualmente, tecnológica, ainda não conseguiu se desvincular de trajetos inseguros e tortuosos, mesmo já tendo a experiência de uma trajetória de inúmeros percalços, visto que o ambiente educacional no país e seus integrantes sempre estiveram frente à instabilidades de questões políticas governamentais, e com suas responsabilidades para além da necessária educação. Além disso, segue em favor das iniciativas de apoio às classes mais pobres e com objetivo, muitas vezes, assistencialista, assim como questões de discriminação

por serem pobres os estudantes, os quais são formados para trabalhar e não para pensar.

Segundo a LDB nº 9.394/1996, a Educação Profissional e Tecnológica se integra aos diferentes níveis e modalidades de educação e ao âmbito do trabalho, da ciência e da tecnologia, que poderão ser organizadas por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários, observadas as regras do nível de educação. A EPT abrangerá os seguintes cursos: formação inicial e continuada ou qualificação profissional; educação profissional técnica de nível médio; profissional tecnológica de graduação e pós-graduação. A educação profissional será articulada com a educação regular ou por diferentes métodos de ensino, em instituições específicas ou no mundo do trabalho.

Para Baptaglin (2013), a EPT se configura como o ensino que abrange a ligação entre educação e trabalho e se compõe por: cursos técnicos de ensino médio integrado, subsequentes, concomitantes, integrados à modalidade PROEJA, cursos superiores e pós-graduações; Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETs); Sistema S (Empresas privadas); Escolas mantidas pelo sindicato dos trabalhadores; por grupos empresariais; organizações não governamentais; pelo ensino profissional livre. A EPT está se ampliando, passando dos cursos técnicos da educação básica para cursos superiores de graduação e pós-graduação.

A Educação Profissional e Tecnológica pode ser vista como uma educação que prepara cidadãos críticos, munidos de conhecimentos que lhes possibilitem agir reflexivamente sobre o processo do trabalho, que passa a ser visto não apenas como fruto da sua ação física, mas também como produção cultural.

A EPT sustenta-se sobre um tripé composto por Trabalho como Princípio Educativo, Formação Humana Integral e Politécnica. Exige a articulação entre cultura e educação, trabalho e produção, ciência e técnica. Essa inter-relação estabelece, assim, o entendimento de que o trabalho é além de uma ação prática, é uma ação de produção cultural, diretamente relacionada ao ser humano. Compreender a EPT sob este olhar integrador é parte precípua para a formação humana integral e para a desconstrução da ideia de que a EPT forma apenas técnicos, entendendo-a em prol da formação de indivíduos críticos e conscientes da sua parte no mundo. (ANDRADE, GONÇALVES, AZEVEDO, 2017).

3.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAÇÃO NA EPT

Nesta pesquisa, optou-se por abranger apenas a rede federal de ensino, pois as duas instituições escolhidas são desta esfera, assim como não foram encontrados estudos acerca da referida temática nesta rede. Sendo assim, com o propósito de ampliar as pesquisas na esfera federal, movida pela curiosidade de investigar como as formações ocorrem nestas instituições, optou-se pela rede federal de ensino em dois colégios da cidade de Santa Maria – RS.

São perceptíveis as variadas demandas que o trabalho do docente da rede federal abrange, resultado das modificações na organização e estrutura nas políticas públicas do Governo Federal para a EPT. São desafios que requerem do docente da EPT formação continuada.

Para Araújo (2008), o docente tem a missão de conduzir o ensino e, assim, pode ser caracterizado como uma liderança cultural, devendo possuir a formação para esse ofício. Sua prática, dessa forma, tem abrangências pedagógicas, políticas, sociais, emocionais, abrangendo várias ordens. O ser professor na educação profissional necessita de um fazer específico, com um conteúdo que capacite para a prática profissional. A formação do professor da educação profissional precisa garantir a articulação dos saberes didáticos, dos saberes técnicos específicos da sua área do saber

Segundo Moura (2008), a preparação de docentes para a prática na EPT está relacionada à área do saber específico, cuja especialização é estratégica e precisa acontecer através dos programas de pós-graduação oferecidos pelas instituições de educação superior. Além disso, é relevante que essa formação não ocorra apenas pela vontade do docente, mas também pelo estímulo frente às necessidades institucionais.

O docente da EPT se caracteriza por ser um profissional que tem o papel e a responsabilidade como educador. Na prática, precisa permitir que seus discentes dominem, de maneira reflexiva e crítica, o mundo do trabalho. Precisa saber desenvolver em seus estudantes atitudes proativas e socialmente responsáveis relacionadas à produção, distribuição e consumo da tecnologia. Dessa forma, é preciso reconhecer que esse professor vai além de um mero transmissor de saberes ou conteúdos fragmentados. (MALDANER, 2017)

A formação de docentes, segundo Moura (2014), pode facilitar, por meio do trabalho, para que se desenvolvam cidadãos competentes técnico-científicos. Essa condição é essencial para a produção de aspectos ligados à vida, que incluam as relações sociais e de produção num cenário sócio-histórico-crítico, e que tenham engajamento ético-político juntamente com as carências da sociedade que sobrevive do

próprio trabalho e, por conseguinte, de sua preparação enquanto sujeitos emancipados.

Corroborando, Araújo (2008) apresenta o debate sobre a educação profissional, focado na formação dos docentes. Nesse contexto, há um viés dicotômico, no qual se percebe a distinção entre escolarização e profissionalização e a divisão das práticas do fazer, do refletir, passando, assim, a uma perspectiva que fraciona os educadores da educação profissional em formadores geral e formadores de técnicas. Isso cria empecilhos para a proximidade entre o fazer e suas teorias, ou seja, afasta as teorias da ação didática da educação profissional.

Para Moura (2008), os técnico-administrativos e gestores das instituições de EPT, sendo os principais indivíduos envolvidos lado a lado com os docentes, precisam estar preparados e possuir qualificação adequada, por isso as especializações necessitam ir além do uso de técnicas de transmissão de saberes e de gestão. Esses aspectos continuarão sendo relevantes, porém o objetivo é a especialização nas políticas públicas do Brasil, com foco nas educacionais, priorizando a formação do cidadão.

As práticas para a formação de docentes à educação profissional precisam compor uma política pública e não podem ser visualizadas e praticadas de maneira pontual, tal como se apresentam nos registros históricos. A educação profissional, como política pública, envolve o compromisso do Estado com o direito à educação do povo, a instituição de um sistema nacional de educação profissional assim como definir verbas que assegurem o desenvolvimento dos objetivos de formação. Entende-se, também, o desenvolvimento das metas, estratégias, práticas e financiamento das etapas de preparação inicial e continuada de docentes para esta modalidade de ensino (ARAÚJO, 2008).

Santos e Marchesan (2017) dizem ser imperativo a função social que tem um docente para preparar indivíduos qualificados à prática de suas atribuições profissionais no mundo do trabalho. Portanto, o professor precisa adquirir meios de como tratar fatos profícuos no preparo do indivíduo, precisa perceber que ele próprio carece possuir uma formação de qualidade.

Investigando a trajetória da EPT no Brasil, esta é marcada por um início de uma política de educação voltada aos mais pobres e nasce como uma chance de formação profissional para aqueles que a utilizam atualmente, caracterizando assim a prática contributiva dos professores que atuam na EPT.

Como visto, o histórico da formação de professores para a EPT tem seu começo marcado por incertezas dos cidadãos e, com o passar dos anos, percebemos

um grande compromisso do professor consciente com o seu papel de educador na formação de um estudante, não apenas preparado para atuar no mundo do trabalho.

3.3.1 Dificuldades e transtornos de aprendizagem: a prática pedagógica dos professores

No Brasil, existem políticas públicas que amparam a prática educacional, desde a Constituição Federal (BRASIL, 1988), que, em seu artigo 205, diz que todos têm direito à educação e esta é dever da família e do estado. O objetivo é desenvolver plenamente o cidadão, prepará-lo para o mundo do trabalho, assim como para exercer a cidadania.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, em seu Art. 53, traz que a criança e o adolescente têm direito à educação, com o objetivo de desenvolvê-los plenamente, assim como prepará-los para exercer a cidadania, assegurando-lhes a garantia de qualidade de acesso, bem como a permanência nas instituições de ensino.

A prática pedagógica ampara-se, também, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/1996, a qual abrange os processos de formação que se efetivam na família, nas trocas com outros indivíduos, no trabalho, nas escolas, nos diferentes manifestos da sociedade e do âmbito cultural.

Biscaro (2001) corrobora que, amparada por leis e políticas, a prática pedagógica do professor pode possibilitar a construção de novas funções psicológicas, por meio das quais haverá a aquisição de novos conhecimentos. Portanto, essa prática não deve ser compreendida somente como forma de concluir conteúdo ou programas, mas sim como forma de ser um momento de ação e reflexão repleto de aprendizagens, em que o desenvolvimento cognitivo do indivíduo tenha prioridade.

Para Lourinho (2005), o professor precisa ficar mais perto de seus estudantes na detecção de suas maiores dificuldades, tendo ciência de que a procura constante do refazer de seu planejamento não está apenas na metodologia aplicada ou no material didático, mas no indivíduo e nas suas maneiras de ver, suas vivências, suas escolhas, assim como a sua realidade socioeconômica.

Estar letrado é essencial para o indivíduo compreender a sociedade que habita e entender a sua incorporação nas práticas científicas da vida. Se na educação básica o elo é implícito e indireto, no ensino médio esta ligação envolvendo a educação e o trabalho precisa ser vista de maneira explícita. O

saber tem autonomia comparado ao processo de trabalho no qual tem origem. O papel primordial da instituição de nível médio vai ser o de reparar a relação entre o saber e a sua prática. (SAVIANI, 2007, pg. 160).

Carara (2017) percebe que, para a aprendizagem ocorra de forma eficaz, os estudantes devem apresentar boa saúde física e mental pois, quando há ausência de algum de fatores como motivação, maturação, inteligência e afetividade ou até mesmo uma inadequação pedagógica, pode ocorrer uma dificuldade de aprendizagem.

Segundo Gadotti (1999), o fazer na área pedagógica surgiu muito antes do pensar pedagógico. Este surge com a reflexão frente ao fazer, vendo-se como necessária a sistematização e organização a partir de alguns objetivos. Freire (1993) define a educação como uma intervenção que estimula mudanças severas nos cidadãos, na economia e na procura por direitos, visto que, segundo esse autor, um povo sem educação não se desenvolve.

Para Aranha (2006), compreender o ensino e os seus saberes históricos, para refletir a simultaneidade entre o sistema social, não quer dizer, todavia, que essa coexistência deva ser entendida como simples semelhança entre aspectos da educação e aspectos políticos e sociais. Os fatores da educação são constituídos nas relações que se firmam entre a população. Assim, a educação não se constitui de um fenômeno neutro, porém é afetada por causas do jogo do poder, por estar realmente relacionada com a política.

Nesse contexto, refletir sobre as dificuldades de aprendizagem significa pensar a educação das pessoas que, muitas vezes, são excluídas do sistema educacional.

Para Garcia (1998), as dificuldades de aprendizagem, em geral, referem-se a uma variedade de aspectos e podem vir a aparecer por inúmeras características: transtornos, dificuldades na interpretação e utilização da escuta, no jeito de conversar, na prática de leitura, no modo de escrita e nas práticas de matemática. Os transtornos podem ser resultados de um problema no sistema nervoso, assim como perpassar pela vida toda do sujeito.

As dificuldades de aprendizagem dos estudantes estão relacionadas a fatores ligados ao orgânico, mas também frequentemente a outros fatores, tais como: déficits de atenção de metacognição, de comportamento, emocionais, dentre outros. (FONSECA, 1995; LERNER, 2003).

Tais dificuldades surgem por problemas relevantes na consolidação e prática do escrever, no falar, no ato de ler, no raciocínio ou nas habilidades específicas, e podem surgir associadas às dificuldades para manter o foco e a interação social

(ROTTA, OHLWEILER, RIESGO, 2016). Os estudantes podem apresentar inúmeras dificuldades de aprendizagens que variam de indivíduo para indivíduo, pois as causas vão desde a questão emocional, psicológica, até uma desnutrição.

Já os transtornos da aprendizagem caracterizam-se por uma inabilidade específica, como por exemplo, dificuldades na leitura, na escrita ou em cálculos. Os indivíduos que são encaminhados para atendimento clínico, geralmente, devido a transtornos de aprendizagem, apresentam uma variedade de problemas de comportamento (MARTURANO, PARREIRA & BENZONI, 1997; ROMARO & CAPITÃO, 2003).

Lima (1984) afirma que, quanto mais precoce for a identificação das dificuldades do estudante, mais ele terá êxito na aprendizagem, partindo de conhecimentos já existentes, pois não se ensina nada totalmente novo, visto que toda 'aprendizagem' é a transformação de uma estrutura já existente e, assim, acaba mudando a forma de perceber a experiência. Raro é o professor que questiona o que o estudante já conhece para, sobre esta subestrutura, planejar a nova aprendizagem.

O ato de aprender, segundo Piaget:

Decorre de equilibração progressiva, uma via constante de um nível de menos equilíbrio para um de equilíbrio maior. Assim, percebe-se que a aprendizagem inicia no equilíbrio e a sequência da evolução da mente, portanto se caracteriza por um processo que não ocorre isolado, podendo partir das vivências que o sujeito guarda com o decorrer dos anos, assim como através da interação social. A aprendizagem se dá por meio da ação da vivência do sujeito assim como do processo de equilibração, ou seja, não parte do nada, mas, sim, de experiências já vividas; o sujeito desenvolve sua capacidade de assimilação através do desenvolvimento do esquema cognitivo. (PIAGET, 1974, pg. 53)

Já para Vygotsky (1991), o ato de aprender é resultante da relação dinâmica entre o estudante com as interações, sendo que a linguagem e o pensamento apresentam intervenção de onde o estudante vive. O cognitivo da evolução da mente está associado à organização e ao planejamento das estruturas lógicas, e vai se moldando à intermediação simbólica e social. Os conhecimentos recebidos nas instituições e na sociedade realizam um papel importante na formação dos indivíduos; as práticas dos professores são aspectos que interferem na evolução pessoal e, por consequência, no comportamento do estudante.

Assim, o referencial teórico desta dissertação ancora-se em uma prática pedagógica libertadora e emancipatória (FREIRE, 1993), pois acredita que os professores, os gestores educacionais, os coordenadores e os familiares precisam estar preparados e capacitados para lidar com as dificuldades de aprendizagem dos estudantes,

em prol do desenvolvimento desses como cidadãos que consigam desenrolar situações diversas com equidade.

4 MÉTODO

Esta pesquisa foi realizada por meio de um estudo qualitativo, as pesquisas qualitativas se constituem com o intuito de responder às questões de compreensão dos fatores formadores/formantes do cidadão, de suas interações e produções culturais, em seus aspectos grupais, da comunidade ou individuais (GATTI e ANDRÉ, 2010).

É uma pesquisa do tipo descritivo-exploratória, pois se preocupa em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los. Objetiva-se descrever as principais características de um grupo ou fenômeno, apontando o que existe de fato, determinando a frequência em que ocorre e categorizando a informação (DRIESSNACK, SOUZA, MENDES, 2007).

Seguindo os aspectos éticos preconizados pela Resolução 510/2016, todos os dados coletados permanecerão arquivados por um período de cinco anos, e após serão destruídos de forma sustentável. Houve o cuidado com o anonimato dos entrevistados, assim como a livre manifestação da vontade da desistência da pesquisa, sem prejuízo para suas relações e ambiente de trabalho.

Esta pesquisa apresentou riscos mínimos por envolver pessoas que podem ter sentimentos mobilizados durante a entrevista relacionadas a sua prática com estudantes com dificuldade de aprendizagem. Os benefícios que visamos com a pesquisa focam na obtenção de dados que poderão ser usados para fins científicos, acarretando amplas informações e debates à área de Educação.

Os entrevistados tiveram a garantia, assim como a possibilidade, de se recusar a participar e/ou retirar sua permissão em qualquer momento do processo investigativo. As informações coletadas pela pesquisa se manterão confidenciais e poderão ser divulgadas somente em eventos ou publicações, sem a identificação dos participantes, a não ser entre os responsáveis pela pesquisa, sendo assegurado o sigilo nominal sobre sua participação.

Foi apresentado aos entrevistados um termo de consentimento livre e esclarecido com todas as informações sobre a sua participação; em duas vias, uma ficando com ele e a outra com o pesquisador (modelo encontra-se em anexo). Não tiveram nenhum custo financeiro pela participação, contando ainda com direito à indenização por eventuais danos comprovadamente decorrentes no estudo.

O projeto de realização desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado sob o parecer número 076272/2021. O cenário de estudo se

constitui em duas instituições de ensino federal da cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul, que serão apresentadas a seguir.

Segundo dados obtidos nos sites das instituições, conferimos que o Colégio Politécnico é uma Unidade de Ensino Médio, Técnico e Tecnológico da Universidade Federal de Santa Maria, prevista no Estatuto Geral da UFSM, vinculada à Coordenadoria de Educação Básica, Técnica e Tecnológica, que tem por finalidade ministrar a Educação Básica, a Formação Inicial e Continuada, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio e a Educação Profissional Tecnológica. Oferece os Cursos de Técnico em Administração, Agricultura, Agricultura de Precisão, Agropecuária, Alimentos, Contabilidade, Cuidados de Idosos, Enfermagem, Farmácia, Geoprocessamento, Informática, Meio Ambiente, Paisagismo, Secretariado e em Zootecnia, todos na modalidade Pós Ensino Médio.

O Colégio Técnico Industrial - CTISM, é uma escola técnica e faz parte, no âmbito do Sistema Federal de Ensino, da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, subordinada ao Ministério da Educação. Oferta Educação Profissional e Tecnológica nos diferentes níveis e nas distintas modalidades de ensino, de modo a articular as dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. Os cursos ofertados são de formação inicial, formação continuada, educação profissional técnica de nível médio e de educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação.

As informações sobre os cursos disponibilizados nas instituições de ensino podem ser melhor visualizadas no quadro abaixo:

Quadro 3 - Cursos disponibilizados nas instituições de ensino:

Colégio Politécnico	Colégio Técnico Industrial
Técnico em Administração	Técnico em Eletrotécnica
Técnico em Agricultura	Técnico em Informática para Internet
Técnico em Agricultura de Precisão	Técnico em Mecânica
Técnico em Agropecuária	Técnico em Automação Industrial
Técnico em Alimentos	Técnico em Eletromecânica
Técnico em Contabilidade	Técnico em Eletrônica
Técnico em Cuidados de Idosos	Técnico em Segurança do Trabalho
Técnico em Enfermagem	Técnico em Soldagem
Técnico em Farmácia	

Técnico em Geoprocessamento
Técnico em Informática
Técnico em Meio Ambiente
Técnico em Paisagismo
Técnico em Secretariado
Técnico em Zootecnia

Fonte: site das instituições, 2022

Os gestores de ambas as instituições autorizaram a realização da pesquisa, ficando condicionada à disponibilidade e à vontade dos professores (autorização institucional em anexo).

Os participantes incluem dez professores das referidas instituições de ensino, sendo cinco de cada uma. A escolha se deu conforme a lista de professores disponibilizada pelas instituições. Os critérios de exclusão foram: estar de férias ou licenças de qualquer natureza no período de coleta dos dados. Os critérios de inclusão foram: ser professor atuante em sala de aula há pelo menos dois anos, assim como possuir estudantes identificados com algum tipo de dificuldades de aprendizagem pelos setores pedagógicos das instituições, e foram convidados depois da exposição do projeto pela pesquisadora mestranda.

Os dados foram coletados utilizando entrevistas individuais realizadas através de reuniões pela plataforma *Google Meet*, e após transcritas e analisadas na íntegra. As entrevistas individuais têm o papel de facilitar as discussões sobre o tema.

A entrevista se configura como um processo de interação social cujos dados têm natureza social, e isso deve ser levado em conta na leitura dos resultados. O primeiro procedimento se caracteriza pela adequação das perguntas, através de um roteiro de perguntas, para que o pesquisador se prepare e fique ciente de cada etapa. O roteiro seria uma maneira de o entrevistador refletir sobre a sua sequência investigativa; esse passo de análise é uma preparação para o dia da entrevista real através de uma outra semiestruturada (MANZINI, 2004).

Referindo-se às questões sobre o planejamento para a coleta de informações, salienta-se a necessidade de planejar questões que atinjam os objetivos pretendidos, adequar a sequência das perguntas, elaborar um roteiro. Assim, o roteiro foi submetido a cinco juízes, estudantes e pesquisadoras que compõem o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Especial e Deficiência Intelectual (GEPEEDI), com o objetivo

de avaliarem se as questões desenvolvidas pela mestranda seriam capazes de responder às questões e aos objetivos do estudo. Foram sugeridas modificações e acréscimo de mais questões, com o objetivo de qualificar a pesquisa.

Para a adequação do roteiro foi realizado, também, uma entrevista piloto com uma professora de uma das instituições, a qual foi utilizada para fins de análise dos dados da dissertação.

Para esta primeira entrevista, ela foi informada logo no início do encontro, através da sala da Plataforma *Google Meet*, que poderia ser uma entrevista piloto. No entanto, após, a pesquisadora realizar a análise juntamente com sua orientadora para verificar se atendeu a todos os objetivos da pesquisa, decidiu-se que entraria como entrevista padrão.

Nesse sentido, partindo do entendimento de que uma boa entrevista inicia com a construção de questões básicas, as quais necessitam atender o objetivo de pesquisa, espera-se que esse esteja adequado às questões de linguagem e estrutura, assim como a sequência das perguntas no roteiro (MANZINI, 2004).

Uma segunda consideração, de acordo com Manzini (2004), refere-se ao roteiro baseado em perguntas e a possibilidade de verificação das questões deste antes da entrevista. Poder refletir sobre o que se busca com as questões do roteiro se caracteriza como um treino, para se ter clareza acerca do tipo de questões passíveis de revelação ao entrevistado no momento da coleta de dados. A importância de um roteiro com perguntas bem elaboradas aponta para uma grande possibilidade de atingir os objetivos da pesquisa. Um roteiro bem elaborado não é indicativo de que o entrevistador se torne refém das questões elaboradas anteriormente à coleta. Uma das marcas da entrevista semiestruturada é a de poder realizar outras questões na prerrogativa de entender a informação que está sendo passada ou mesmo a possível indagação sobre questões durante a entrevista, que demonstram relevância para o fato pesquisado.

Neste sentido, esta pesquisa abrangeu a entrevista semiestruturada com os professores entrevistados, uma vez que propiciou maior abrangência em relação aos temas e objetivos abordados. Não se caracterizando por ser perguntas fechadas, sem reflexão e abrangência. Conseguimos, por conseguinte, respostas completas que convergiram com os objetivos aqui elencados.

O roteiro de entrevistas previamente desenvolvido está disponibilizado como apêndice I nesta dissertação.

4.1 FORMA DE COLETA DOS DADOS

O período de coleta dos dados foi de 13 de janeiro a 18 de fevereiro de 2022. Foi realizada uma entrevista piloto com duração de 50 minutos, através da qual as informações foram obtidas. Depois da transcrição, ocorreu uma leitura cautelosa, para verificar se todos os objetivos foram cumpridos, optando-se pela manutenção das perguntas, considerando que responderam à finalidade da pesquisa. O restante das entrevistas foram agendadas com os professores indicados pelas instituições, através de e-mail, gravadas por meio da Plataforma *Google Meet*, sendo essas realizadas pela pesquisadora mestranda, com duração média de 50 minutos cada.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Como mencionado, participaram da pesquisa 10 professores que foram identificados pela letra P maiúscula, de professor-participante, seguida do número de 1 a 10, de acordo com a ordem de entrevistas.

Os professores entrevistados são oriundos das áreas de Biologia, Matemática, Enfermagem, Engenharia Agrônômica, Engenharia Mecânica, Química Industrial, Engenharia Florestal, Química, Farmácia e Tecnologia de Alimentos e Letras.

O ano de formação variou de 1985 a 2011, sendo a média de tempo de atuação como docente de 18 anos. A faixa etária dos entrevistados variou de 35 a 62 anos, sendo a média de idade de 40 anos. A maioria (9) são doutores e os 10 professores possuíam pós-graduação *stricto sensu*.

Quadro 4 – Caracterização dos participantes do estudo

CÓDIGO DO PARTICIPANTE	ANO DE FORMAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO NA EPT
P1	2000	Doutorado	14 anos
P2	2011	Doutorado	02 anos
P3	2011	Doutorado	04 anos
P4	1997	Doutorado	13 anos

P5	1989	Mestrado	21 anos
P6	2009	Doutorado	07 anos
P7	1985	Doutorado	25 anos
P8	2004	Doutorado	17 anos
P9	2003	Doutorado	07 anos
P10	2001	Doutorado	11 anos

Fonte: autora, 2022

Conforme descrito, a formação dos professores entrevistados é bem diversa. Com isso, obteve-se uma visão oriunda de várias áreas do conhecimento, no que tange às dificuldades de aprendizagem, assim como de professores com mais tempo de prática em sala de aula e daqueles que não possuem tanta vivência frente aos estudantes.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise de conteúdo realizada de forma indutiva, com o auxílio da codificação cromática (por meio de cores, as falas foram categorizadas, a partir de temas em comum), foram elencadas quatro categorias de análise a partir dos objetivos específicos da pesquisa, a saber: Concepções sobre dificuldades de aprendizagem; As práticas pedagógicas frente às dificuldades de aprendizagem; adaptando os planejamentos para os estudantes com dificuldades de aprendizagem e Formação continuada para aprimoramento da prática pedagógica. Vejamos cada uma delas:

5.1 CONCEPÇÕES SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Retoma-se o conceito de dificuldades de aprendizagem já apresentado anteriormente, no qual Correia (2004) aponta a necessidade de entender o motivo pelo qual um grupo de discentes seguidamente demonstrava o fracasso escolar, especificamente em fatores como a prática de ler, escrever e calcular. Desse modo, toma-se a mencionada reflexão como base inicial para o olhar sobre as concepções referentes à dificuldade de aprendizagem.

Os professores entrevistados da EPT, participantes da pesquisa, relataram não terem vivenciado em sua formação acadêmica inicial como lidar com esses discentes. P1 revelou não estar preparado à identificação das dificuldades de aprendizagens presentes nos estudantes em referência e que gostaria muito dessa habilitação, embora ainda não a tenha procurado. Todavia, associa tais dificuldades a problemas históricos, sociais e financeiros, conforme a fala a seguir:

[..] esta dificuldade eu não sei te explicar na questão cognitiva porque não é a minha formação, mas o que me parece que muitas vezes as dificuldades estão ligadas associadas às dificuldades relacionadas ao contexto familiar, ao contexto social e ao contexto financeiro dos estudantes. (P1)

P1 salienta, ainda, a dificuldade de os estudantes terem uma rotina de estudos:

[..] têm mais dificuldade porque não tiveram muita leitura ao longo de sua formação, ao longo de sua infância, não tiveram oportunidade de ler livro, de viajar, de fazer curso de inglês, né?! Então, de uma realidade, de um contexto histórico/familiar com bem menos oportunidades do que os estudantes que não apresentam dificuldades. (P1)

O estudante público-alvo da EPT, na sua grande maioria, precisa trabalhar para sustentar a si e aos seus estudos. Nessa perspectiva, muitas vezes, não usufrui de tempo hábil para se dedicar aos estudos em casa, a aprofundar os conhecimentos ministrados em aula, fato que pode ocasionar as dificuldades de aprendizagem.

Em consonância, P2 salienta as dificuldades de aprendizagem relacionadas à rotina de trabalho e estudos dos estudantes:

[...] ali a gente vê uma questão, uma dificuldade anterior, porque são pessoas que geralmente já estão no mercado de trabalho, então, têm este outro rol de dificuldades devido a estas situações porque não têm tempo para o estudo, enfim a pessoa está cansada e a noite irá fazer um curso técnico. (P2)

Estudar e trabalhar representam o grande desafio que o estudante da EPT enfrenta, uma vez que a rotina de trabalho aliada a de estudos se torna maçante. Corroborando, P3 traz o seguinte relato sobre as dificuldades que os estudantes apresentam:

[...] eles têm pouca participação e isso ocasiona dificuldades de aprendizagem e tudo mais, também a gente tem dificuldades relacionadas ao trabalho dos estudantes, na qual tem uma demanda de trabalho e que ao mesmo tempo se organizam com a rotina de estudos, daí acaba tendo dificuldades de organização, de se dedicar aos estudos. (P 3)

P4 salienta vários aspectos associados às dificuldades de aprendizagem, entre elas, a falta de organização, tempo e estímulo com os estudos, “*falta de concentração ou uma falta de vontade vamos dizer assim, (...). O segundo ponto, eu vejo que a bagagem, a carga horária de estudos do estudante ela é muito baixa*” (P 4).

Até aqui, infere-se que os participantes destacam muitos aspectos sociais e culturais. Outro ponto destacado é a falta de concentração associada ao uso excessivo de dispositivos eletrônicos, que pode estar ligada a algumas dificuldades de aprendizagem, conforme destaque de P4:

[...] ter uma abstração (...) que é ajustamento das observações, tu tens que imaginar, e essa capacidade de criar de imaginar, a cada semestre a gente está vendo um detrimento, eu não sei se isso é influência do mundo digital, excesso do uso das redes sociais. (P 4)

Ainda para P4, os estudantes necessitam de mais dedicação aos estudos, principalmente, na disciplina ligada à área de exatas, em que, em sua concepção, sem treino não há sucesso, considerando que o cérebro humano precisa ser estimulado, o que acontece quando o estudante senta, lê, estuda e pratica:

[...] após as 4 horas de aula eu pergunto: quantas horas vocês leem minha matéria exclusivamente? as pessoas respondem assim: 5 minutos, daí eu digo olha pessoal eu vou falar uma coisa para vocês, então, tu só fica bom naquilo que você faz exercício, entende? e a gente sabe que nós temos estudantes que são visuais, sinestésicos, auditivos, e eu sempre digo vocês tem que aprender como é que vocês gostam de estudar. (P 4)

Percebe-se nessa fala a importância da rotina de estudos. De acordo com os participantes, as dificuldades de aprendizagem são decorrentes, muitas vezes, de questões sociais, culturais e dedicação ao curso mais do que propriamente a questões orgânicas ou patológicas.

Concordando com Torres (2014), o processo de aquisição do conhecimento é um tanto quanto complexo, envolve aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais, sendo a aprendizagem fruto do desenvolvimento de aspectos e conhecimentos, assim como do ato de transferir situações novas.

Corroborando, Miranda (2017) relata que a construção do conhecimento não se resume a uma prática pedagógica desvinculada da realidade sociocultural dos sujeitos, pois assim não se estabelece uma relação teoria e prática, fundamentais para a práxis pedagógica. Questionando a educação, seus projetos, métodos, planos, metodologias e instrumentos de avaliação, será possível dialogar sobre a prática pedagógica, sobre o programa de ensino que, na visão da educação, são objetos de decisão e de doação do educador ao educando. O educador necessita reconhecer a política do ato de ensinar e demonstrar na sua relação com os educandos que todos são os sujeitos do conhecimento.

Nesse sentido, P5, ao ser questionado sobre quais as principais dificuldades de aprendizagem que percebe ao ministrar as suas aulas, responde:

[...] eu tenho aulas que são práticas e outras teóricas, para fazer um desenho dentro do computador e a maior dificuldade que eles têm é interpretar este desenho [...] o desenho é a mesma coisa, primeiro tem que aprender a compreender o desenho, interpretar o desenho para depois fazer o desenho no computador, e a dificuldade é esta a de interpretar o desenho. (P5)

P6 segue na mesma linha, relatando as dificuldades de aprendizagem no contexto da pandemia (rede, aulas remotas) e presencial (antes da pandemia), associada à maneira de interpretar o que está sendo solicitado:

[...] a gente não consegue dimensionar se aquela nota baixa é realmente uma dificuldade de aprendizagem se aquilo é uma falta de atenção durante a realização das atividades se é uma imposição do contexto do aluno dentro do REDE, mas considerando a normalidade o ensino presencial, as dificuldades

de aprendizagens me parecem derivadas de entender o que está sendo perguntado. (P 6)

Para P7, as dificuldades de aprendizagem estão associadas ao contexto da concentração e desenvolvimento do raciocínio lógico dos estudantes na sua disciplina:

[...] tem aqueles super ativos que apresentam dificuldades de concentração, mas assim em termos de dificuldades de aprendizado tem aqueles que vem da formação do EJA, principalmente dentro da área técnica que a gente precisa trabalhar com raciocínio, e também quando requer um estudo mais criterioso do conteúdo a gente percebe que muitos tem dificuldades de entender. (P 7)

Para P5, a questão de os estudantes estarem no primeiro ano e serem jovens, cerca de 17 anos, também podem estar associados às dificuldades:

[...] a dificuldade nas aulas práticas de usinagem e soldagem é porque eles são muito novos, eles vêm despreparados e eu acho que cabe a nós dar este preparo para eles, o que dá um grande impacto é estas disciplinas da área técnica, mas a gente procura ter todo este preparo com eles, entender que eles são novos ter bastante paciência com eles. (P 5)

Pouca idade e adolescência são fatos citados por alguns dos docentes, assim como o contrário, pois houve relatos de os estudantes apresentarem dificuldades devido a estarem há algum tempo sem praticar os estudos. Complementando, P8 destaca que as dificuldades de aprendizagem podem estar associadas à questão de os estudantes estarem há muito tempo fora da sala de aula:

[...] é justamente os estudantes que deixaram de estudar a muito tempo, tem bastante dificuldades em interpretar pequenos textos, fazer alguns cálculos. Mas geralmente um trabalho mais individualizado, tem surtido bastante efeito, este relacionamento entre professor e aluno faz bastante diferença. (P 8)

Em indicação ao trabalho mais individualizado, P1 relata a procura de auxílio para lidar com os estudantes que apresentam dificuldades, no departamento de ensino, o qual encaminha para a área de psicologia.

Diante dos inúmeros fatores relatados pelos professores entrevistados, as dificuldades de aprendizagem estão presentes no contexto educacional das instituições, as quais se esforçam na tentativa de amenizar esta barreira educacional, para que o estudante tenha êxito de concluir seus estudos.

Para Torres (2014), o centro das atenções para que os estudantes adolescentes obtenham a aprendizagem é o estímulo, visto que essa é particular, reflexiva e sistemática, e depende do estímulo das potencialidades do discente, por dedicação pessoal ou com a auxílio do professor.

O estímulo, o olhar, o procurar ajuda de outros profissionais relatados pelos entrevistados são algumas das alternativas utilizadas para atender as variantes das dificuldades dos estudantes.

São os saberes que o estudante já tem que influenciam o jeito de ser em cada momento, uma vez que disponibiliza os recursos para a aptidão, e sua cognição precisa ser vista no processo de ensino e aprendizagem. Os conhecimentos que ele possui e que correspondem a uma trajetória de aprendizagem linear são fundamentais na aprendizagem de novos saberes. É preciso haver reflexão sobre o que é o conhecimento e assim perceber que é complexo, por conseguinte, necessita ser entendido como um processo de construção. (Torres, 2014).

Percebe-se aqui que as concepções sobre dificuldades de aprendizagem são diversas e que os docentes apontam a falta de formação específica para atender à demanda com que se deparam no seu cotidiano escolar dentro de uma sala de aula. O desafio, a experiência, a troca é o que se destaca na prática pedagógica destes professores para o atendimento aos estudantes que apresentam dificuldades.

5.2 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Para Franco (2016), um encontro educacional se tornará uma prática pedagógica quando houver foco em torno de objetivos, bem como no desenvolvimento de práticas que conferem sentido aos objetivos. Será prática pedagógica quando há pensamento contínuo e em grupo, de forma a assegurar que o objetivo proposto está disponibilizado a todos; será pedagógica ao ponto de buscar a aplicação de práticas que garantam que os encaminhamentos propostos pelos objetivos possam ser alcançados. Conhecer as práticas pedagógicas dos professores no acompanhamento de dificuldades acadêmicas identificadas nos estudantes é um dos objetivos específicos desta pesquisa. Observa-se, primeiramente, aspectos metodológicos da organização da prática dos professores.

P1 salienta que a prática precisa estar embasada em um atendimento mais individualizado, principalmente para aquele estudante que apresenta mais dificuldade de aprendizagem, que não se deve aplicar atividade por aplicar apenas:

[...] eu acredito que o sentar junto, escutar, porque a gente, às vezes, como professor, quer muito dar conselho: ohh, fulano é assim, assim (...) mas e

ouvir este aluno? Acho que é possível sim, com acompanhamento bem presencial e não só do professor daquela disciplina, não só do departamento de ensino. (P 1)

Corroborando, Freire (1980) percebe o processo educativo como problematizador com a finalidade de libertação da consciência oprimida, praticando a dialogicidade, uma vez que o homem é conhecido pelo ato da comunicação, e que através do diálogo ele compartilha com o mundo e com os outros homens. Para tanto, o indivíduo cuja consciência passa pelo processo de busca e libertação, o “ser mais”, sente a necessidade de aprender e dialogar.

O diálogo surge aqui como ponto primordial entre o educador e o educando, tornando esta aproximação um fator essencial para facilitar o ensino-aprendizagem. O fato de não se colocar o professor como detentor do saber, mas realizar a prática da escuta, do diálogo encurta os laços, faz com que o estudante se sinta mais à vontade para sanar as suas dificuldades.

P2 afirma que há um regramento interno que os profissionais precisam reforçar com atividades extras aos estudantes que apresentam dificuldades, porém a procura é pequena, “o atendê-los individualmente na medida do possível, (...), tentar localizar quais são as dificuldades, e saná-las, mas geralmente a procura é pequena”. (P 2).

P1 complementa, afirmando que, para auxiliar na sua prática conta, com o apoio pedagógico oferecido pela instituição para atender estes estudantes:

[...] este projeto de apoio pedagógico onde foi identificado quais as disciplinas que eles possuem mais dificuldades pra poder fazer o curso integrado. Se criou uma equipe, para eles acessar este espaço e estarem ali sendo acompanhados, tirando dúvidas. (P1)

Os professores se utilizam de inúmeros meios para ajudar na sua prática, o auxílio do apoio pedagógico oferecido pela instituição, na qual conta com pessoal de diversas áreas, também é fator determinante neste atendimento. Corroborando, Miranda (2017) relata que os educadores trabalham com seres humanos, ambíguos, heterogêneos, ativos, indeterminados e complexos. Uma prática pedagógica não se faz apenas da ação do educador, ela acontece na interação.

Ao observar a dificuldade de alguns estudantes, P3 também ressaltou a importância de contar com o trabalho de apoio pedagógico, com o auxílio de outros profissionais/estagiários nesse acompanhamento e atendimento, o que foi primordial para a evolução dos discentes:

[...] falei com as estudantes primeiro, elas notaram, reconheceram que tinham dificuldades, mas que não sabiam como resolver. Procurei o apoio pedagógico, coloquei a situação e disseram para a gente sentar com as estudantes e tentar verificar o que está acontecendo. O que a gente propôs foi intensificar a exposição delas na prática, daí a gente conseguiu organizar junto a outros professores para que fosse oferecido mais oportunidades. (P3)

A questão das aulas remotas, devido à pandemia, segundo P6, intensificou as dificuldades de aprendizagem, destacando que há um projeto de apoio pedagógico que era procurado no presencial, principalmente próximo das avaliações, mas que diminuiu em função do distanciamento social, aumentando então as dificuldades:

[...] a gente tem um projeto que é do apoio pedagógico, a gente tem bolsistas das áreas, porque às vezes o aluno não se sente à vontade de falar com o professor, mas se sente à vontade de falar com um colega. No projeto, os bolsistas em acordo com os professores das disciplinas acabam disponibilizando um horário extraclasse para que os estudantes tirem dúvidas, enfim, no ensino presencial a procura já era baixa não existia uma procura periódica para ir sanando as dificuldades, e agora no ensino remoto é praticamente inexistente. (P 6)

A importância de um acompanhamento psicológico, também, foi apontada como importante para os estudantes, principalmente no contexto pandêmico vivido, P1 destaca:

[...] eu tenho certeza de que o apoio pedagógico, não se resume a apenas isso, tinha sim conversa com a bolsista da psicologia excelentes que iam nas salas e identificavam questões individuais, aí chamavam os estudantes pra conversar, além do respaldo da disciplina x, y, z lá de que o aluno estava precisando. Mas, sim a escola está de parabéns através deste projeto e com o trabalho do departamento de ensino que a cada ano vem se mostrando mais presente, mas volto a dizer o departamento de ensino precisaria contar com psicólogos.” (P 1)

Sobre o preparo para a prática frente aos estudantes, P1 enfatiza que é necessário ser empático e sempre procurar melhorar:

Não me sinto preparada não, eu acho que eu tenho empatia, e isso é um bom começo para qualquer professor, mas não é o suficiente. Está empatia, contigo mesma, olha eu tenho estas limitações, me falta formação em determinadas áreas, eu estou aberta a aprender e discutir sobre isso, e a melhorar como educador, mas eu acho que a gente precisa de formação bem específica. (P 1)

O ato de refletir, repensar, ressignificar o exercício profissional é essencial na busca do aperfeiçoamento e transformação da atuação pedagógica. A pandemia trouxe para a área da educação uma importante reflexão, na mudança de práticas já arraigadas há muitos anos por alguns profissionais. Nesse sentido, P1 relata:

Porque tem, infelizmente esta mentalidade, esta visão cultural que o professor daquela área é ele que sabe, ele já trabalha a 10, 20 anos ali daquele jeito e é aquele jeito. Talvez este chocalhão que a gente recebeu da pandemia, seja bem importante para nós professores nos disponibilizarmos a mudar em “N” aspectos (P 1)

Perceber as dificuldades de aprendizagem dos estudantes no contexto pandêmico e com o uso das tecnologias, foi um fator em que P3 destacou a questão da frieza que todo o processo remoto trouxe:

[...] quando a gente estava presencial, era muito mais fácil, notar estes estudantes que apresentavam dificuldades, hoje, com a realização de atividades remotas, está muito difícil de notar qual estudante está realmente aprendendo, nós como docentes que são pessoas que facilitam este processo de aprendizagem, não consegue viabilizar estes processos de aprendizagem, então a partir de agora, do retorno presencial, já é o estabelecimento de uma relação mais discente/docente de fato uma relação que você consegue notar as dificuldades. (P 3)

A falta de disponibilidade, de participação, dos estudantes nesses atendimentos direcionados às suas dificuldades foi um item que P2 salientou. Alegando que, por mais que se disponibilizasse a gravar vídeos, atender em horários diferenciados, a falta de disponibilidade do estudante prejudicava esse quesito:

[...] o acompanhamento é sim necessário, claro se vai tentando se criar as possíveis estratégias de acordo com o curso e com a realidade dos estudantes, por exemplo, aqueles estudantes do técnico pós-médio, são noturnos, o máximo, que mesmo que eu tenha disponível algum horário ali durante o dia ninguém nunca me procurou neste sentido, eles não têm esta disponibilidade. (P 2)

P6 traz a questão de os estudantes não procurarem a ajuda do professor, por não terem a consciência de que possuem uma dificuldade de aprendizagem, ou mesmo pelo fato de não demonstrarem interesse e/ou tempo em sanar suas dificuldades. Identificá-la em turmas numerosas, também, é um fator que P6 apresenta como uma barreira à sua prática pedagógica:

[...] mas muitos deles não percebem que tem uma dificuldade de aprendizagem, então acabam não procurando ajuda, acho que isso é a principal dificuldade no trabalho pedagógico, quando o aluno não percebe que tem uma dificuldade ou não tem interesse de sanar, mas enfim num contexto de 30 estudantes tu atender individualmente quando o aluno não te procura é um pouquinho mais difícil (P 6)

P1 tem esperança que as aulas retornem presencialmente, pois com a pandemia foi preciso estabelecer o REDE (Regime de Exercícios Domiciliares Especiais),

regime que auxiliou os estudantes e os professores nos atendimentos na época pandêmica, todavia não se compara à qualidade e eficácia dos atendimentos presenciais no colégio. O remoto prejudicou, ocasionando grande abismo na relação estudante e professor, considerando que o docente cria laços, estando frente ao discente, e tem um olhar mais afetivo às dificuldades desse:

Então, eu estou apostando muito no presencial, acho que vai criar novas dinâmicas e aqueles que tem a mente aberta eles vão se disponibilizar a aprender. Com certeza terá aqueles que não querem, sempre irá existir em qualquer área em qualquer profissão. (P 1)

Nesse contexto das práticas pedagógicas, o caminho à plena formação/preparo do professor para a atuação frente ao estudante que necessita de um olhar/atendimento especializado é longo, e necessita da consciência do profissional em procurar informações/conhecimentos, juntamente com o apoio e o incentivo da instituição educacional:

[...] eu não me sinto preparada pra identificar e nem para preparar uma aula, preciso desta formação, estou aberta a isso, e precisamos deste trabalho casado. Não só o professor, o departamento de ensino, a escola, a universidade, vários cursos envolvidos, acho que este é o caminho e é longo, ne? (P 1)

P4 remete-se a ter que pensar e planejar atividades, atendimentos diferenciados, a estudantes que possuem dificuldades de aprendizagem como um obstáculo a ser superado. De acordo com o participante, fazer uma adaptação de seu conteúdo faz com suas aulas se tornem mais morosas:

[...] em uma turma de vinte, eu tinha dois estudantes com bastante dificuldades, então tu acaba atrasando o conteúdo de todos, para justamente as práticas inclusivas, mas isso compromete todo andamento, em tese, da aula o teu conteúdo programático, porque é um freio de mão puxado isso, é uma realidade, não tem como dizer que não pois o aluno acaba represando, principalmente uma atividade prática ou de cálculo, mas a pessoa está ali e tu tem que entender. (P 4)

O docente frente ao estudante com dificuldades de aprendizagem infere um certo incômodo, pois precisa ver a turma como um todo, inserir esses discentes no grupo e, ao mesmo tempo, atender à demanda da turma.

Percebe-se, no entanto, que a motivação é a válvula propulsora da aprendizagem. O indivíduo motivado reconhece a importância de aprender algo, sabe sua utilidade e finalidade; o indivíduo aprende com um objetivo. A motivação dá a ele a dis-

posição de fazer-se participante e, portanto, coautor do seu processo de aprendizagem, pois tem a consciência de que essa aprendizagem irá satisfazer as suas necessidades, atuais ou futuras.

P9 cita a prática de diálogos e trocas entre os estudantes como estratégias que dão resultados positivos, fazendo com que eles se sintam mais à vontade, assim como para conhecer as facilidades/dificuldades da turma e poder trabalhar de forma individualizada com cada grupo de estudantes:

[...] na aula a gente vai discutir, eu particularmente prefiro pois eles têm coisas das vivências, sabe, cada caso é um caso, então você tem que interpretar, como você vai trabalhar as primeiras semanas ali. A primeira entrevista que eu faço é importantíssimo tem um significado, não faço isso para matar tempo, porque eu vejo como vou trabalhar com ela, obvio que durante as duas, três primeiras semanas tudo pode mudar. (P 9)

Para Machado (2017), o fazer docente traz consigo muitos saberes e vivências, bem como novas experiências, pois apresenta muitas possibilidades de práticas frente a diversos níveis de ensino e faixas etárias de discentes, possibilitando o desenvolvimento de inúmeras tarefas, descobrindo não somente as potencialidades, incluindo as fragilidades no ensino e na aprendizagem escolar.

A questão de o número de estudantes ser grande por sala, por se tratar de adolescentes e de não terem maturidade e comprometimento com os estudos, foi o que P5 relatou como um dos dificultadores de sua prática pedagógica. Porém, ressalta que sempre busca por metodologias que os envolvam, para despertar-lhes o interesse:

[...] geralmente as turmas são bastante grandes, quase 40 estudantes, vamos pegar uma disciplina teórica com todos os estudantes na sala de aula, em média 14 anos, conseguir segurar todos eles, não é fácil, então tem que fazer exercícios que envolvam coisas do dia a dia deles, coisas que veem na rua aí isso envolve eles e se interessam mais, mas essa é uma dificuldade. (P 5)

P7 aponta que, quanto mais velhos os estudantes forem, mais interesse eles demonstram em procurar e sanar as dificuldades com os professores. Diante disto, P7 relata que percebe uma grande preocupação nas turmas dos estudantes com mais idade em atingir conhecimentos, principalmente na sua área, as exatas, que requer mais concentração e dedicação:

[...] é difícil retomar o que ficou deficiente ao longo da formação destes estudantes, o que percebe é que quanto maior a faixa etária, é que se preocupa mais em buscar este conhecimento que ficou deficiente, já para os mais jovens parecem que não é tão grande esta preocupação, mas assim, é possível, com bastante dedicação pela parte deles, eles conseguem recuperar,

observar este detalhe desta busca de conhecer e entender, e como a gente trabalha mais das dificuldades. (P 7)

O ato de adaptar conteúdos às dificuldades de aprendizagens pontuais que muitas vezes se apresentam são práticas que dão certo, e o estudante se sente motivado ao perceber este planejar específico do professor. P8 aponta a técnica de adaptações com a aplicação de atividades extras, como estratégia que passou a adotar com os passar do tempo, e que tem obtido excelentes resultados:

[...] muitos não sabem sistema de divisão, multiplicação, então às vezes a gente tem que fazer uma adaptação que possa resgatar conhecimentos que são básicos para a disciplina e eu acho que o trabalho extra que é demandado do professor é mais neste sentido, é o que eu vou sentindo e nós vamos diluindo isso ao longo do semestre e eu acho que tem dado certo. (P 8)

P9 relata o caso da adaptação de sua metodologia, assim como as dos colegas, para atendimento de uma estudante que apresentava muitas dificuldades. Para P9, o diálogo e a troca entre os profissionais envolvidos surtiu muito sucesso na evolução da discente:

[...] a gente se uniu em prol da aluna tal, que tem isso, eu já fiz isso e deu certo, daí o outro comentava, ah eu também percebi o que não sei o que, então, todo mundo abraçou e seguimos aquilo que vimos que estava dando certo, então, os estudantes com dificuldades intelectual, estes são muito acolhidos aqui. Óbvio cada caso é um caso, mas no caso dela foi muito tranquilo, todos os professores arrumaram outras metodologias, para poder avaliar lá. (P 9)

Ainda para esse professor, há casos em que os estudantes apresentam dificuldades e não possuem laudo, assim como estudantes de mais idade, dificultando a identificação de práticas mais efetivas, de oferecer um atendimento individualizado. Desse modo, ele opta por diminuir a exigência das aulas ministradas para que todos entendam de uma mesma maneira:

[...] pessoas de idade, que acaba também sendo uma dificuldade a gente acaba nivelando o grupo. Porque você vai ter duas, três, cinco pessoas para tu ter que fazer algo individualizado, aí fica mais difícil de você justificar para os colegas, por este não ter um laudo, porque os colegas questionam, saber porque a nota daquele colega não justifica. Então no meu caso eu acabo nivelando e dou uma baixada no nível digamos assim da turma. (P 9)

É importante salientar que haver um estudante com dificuldades (ou até mesmo deficiência) em turma não implica em diminuir o grau de exigência das práticas, mas, sim, procurar meios de as metodologias atingirem todos os estudantes. Independente

de terem laudo ou não. Isso se efetiva à medida que os professores conhecem as características e potencialidades dos estudantes, para além de um rótulo conceitual.

Devido à pandemia e às aulas online, P10 relata a dificuldade que ela, juntamente com as estagiárias do grupo de apoio pedagógico, percebeu no acesso a estes estudantes. P10 realizava encontros com a estagiária para formularem juntas estratégias de atendimento a estudantes com dificuldades de aprendizagem. O ambiente doméstico da maioria destes estudantes não foi um fator positivo, segundo a professora, na questão da concentração e aprendizagem, por apresentar muito barulho e distrações, como jogos eletrônicos.

[...] e aí a gente mapeia quais os estudantes que não estão indo muito bem, eu e a bolsista, alguns, tinham muito acesso a jogo eletrônicos, vinham para a aula como se não estivessem ali porque a gente chamava e não havia respostas, e outros devido ao ambiente de casa ser muito barulhento, não conseguem se concentrar, então, para alguns, o ensino remoto foi péssimo. (P10)

Quanto ao acesso dos estudantes ao presencial, P10 refere otimismo, uma vez que eles, estando frente a frente com ela, conseguiriam realizar um trabalho mais personalizado, dando retorno e vendo as reais facilidades e dificuldades deles, sem a interferência das distrações do ambiente doméstico:

[...] então eram estudantes que estavam com dificuldades de ir para a aula, e não havia ali uma organização de estudos, então tem algumas coisas que estão além de nós, outras mais fáceis de resolver especialmente no presencial que a gente consegue fazer este contato ele está fazendo exercício eu estou corrigindo na hora, aí funciona muito melhor, mas no remoto a gente se limitava. (P 10)

Fazer um levantamento das dificuldades e propor tarefas que chamem a atenção dos estudantes aliadas às tecnologias são estratégias que a P10 utiliza com os estudantes com dificuldades de aprendizagem, e a inquietação na busca por mais formações e novas estratégias para atender essas demandas de aprendizagem foi notória em sua fala:

[...] nós mapeamos os estudantes e realizamos atividades, baseadas nas dificuldades que nós observamos, e não ele tem uma dificuldade aqui vamos levar um material mais legal que fique mais próximo da realidade dos estudantes. Eu sou uma professora muito inquieta eu vou quando quero resolver alguma coisa de buscar renovar as minhas práticas, acredito que cada vez mais com esta gurizada mais nova a gente precisa estar mais atenta não apenas deslumbrada com as tecnologias. (P 10)

P6 aponta uma adaptação na forma de avaliação dos estudantes. A realização de uma leitura da avaliação de forma oral auxilia na interpretação daqueles estudantes com mais dificuldades:

[...] eu procuro sempre, durante as atividades avaliativas, fazer uma leitura da avaliação, por exemplo, mas isso acaba sendo de forma geral e não especificado para aqueles que têm dificuldades de aprendizagem, mas que acaba de certa forma ajudando nesta questão da interpretação. (P 6)

O corpo docente, conforme verificado nas falas, está em constante busca por alternativas para atender os estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem, apesar das dificuldades que os próprios discentes apresentam, as quais vão além da sala de aula, como questões de organização de estudo, rotina, questões culturais, sociais e econômicas

Machado (2017) considera a razão pela qual os professores da educação profissional e tecnológica precisam pensar com seus pares, ou seja, de que modo promover a criação de ideias inovadoras em sala de aula, para que os estudantes possam se integrar ao processo de aprendizagem e, com o decorrer da formação, tornarem-se sujeitos emancipados.

5.3 ADAPTAÇÃO DO PLANEJAMENTO PARA OS ESTUDANTES COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

O adaptar o planejamento foi um dos objetivos aqui investigados, através das entrevistas realizadas com os professores. Alguns se sentiram desconfortáveis, reflexivos ao se ver frente a este questionamento, uma vez que não há rotineiramente esta prática na sua organização dos conteúdos a serem ministrados frente aos estudantes.

A falta de um planejamento adaptado foi a resposta de cinco professores entrevistados, conforme o relato de P1, a seguir:

Sendo bem honesta contigo, nunca parei para pensar especificamente nisto. Talvez seja uma falha minha, faço um planejamento inicial da disciplina geral, como um todo para aquele ano. E à medida que as dificuldades vão aparecendo, vou apagando os incêndios. Aí mostra mais uma vez, e eu assumo a minha culpa, o despreparo e a falta de formação que a gente tem, que eu tenho pelo menos. (P 1)

Ainda segundo P1:

[...] me falta preparo e formação e gostaria de aprender, estou aberta a este conhecimento de ter esta habilidade de identificar, ali já tem tal situação, quais as ferramentas que eu posso utilizar pra tentar resolver, resgatar este aluno e que a gente possa caminhar juntos até o final, mas realmente planejamento específico eu não faço. (P 1)

O planejar especificamente para cada caso e para cada estudante é o que muitas vezes vai surtir resultados positivos quanto ao ensino-aprendizagem. Ter um planejamento específico para determinados alunos é essencial na visão de P1, desde que não o exclua do restante da turma.

[...] eu creio que é possível sim, acho que não é a única fórmula. Não sou da área, não recebi esta formação específica. Eu tenho habilidades para uma área, mas nem tanto para outras, e isso é geral é a biodiversidade da espécie humana. Então, eu acho que um planejamento individual, para uma situação pontual é importante, desde que este aluno não seja excluído do contexto geral. (P 1)

P2 traz que é preciso realizar um planejamento adaptado quando o estudante apresenta algum tipo de diagnóstico e trabalhar esta metodologia juntamente com as estagiárias da educação:

[...] um menino tinha um diagnóstico de discalculia, e que a partir de então e inclusive com o trabalho dos estagiários de educação especial, então eu atendia este aluno semanalmente inclusive acompanhava estas estagiárias, então, precisava sim de um planejamento especial nestes casos que ainda são casos especiais, que tem ali um diagnóstico confirmado.” (P 2)

Já P6 associa o fato de não haver um planejamento específico, devido ao estudante não disponibilizar de tempo para realizar algo específico, assim como relata que as dificuldades que ela visualiza nos estudantes são pontuais, e que apenas com algum tipo de intervenção única serão capazes de saná-las:

[...] é complicado esta questão de um planejamento diferenciado, porque muitas vezes o dia a dia o trabalho em si não permite, e como são estudantes do curso integrado eles passam a maior parte do tempo dentro da escola, então muitas vezes a gente ao tentar propor uma atividade diferente esbarra na questão de horário, enfim e porque muitas vezes estas dificuldades é pontual, em um determinado conteúdo. (P 6)

Quanto ao fato de ter um planejamento adaptado aos estudantes com dificuldades, P7 diz que seria o ideal, entretanto, devido ao grande número de estudantes por sala, torna-se bem difícil, e que ela acaba atendendo e sanando dúvidas daqueles que a procuram, fato que costuma acontecer somente no período próximo às avaliações:

[...] isso seria realmente o ideal, mas quando a gente tem uma sala de aula com 40 estudantes este atendimento fica muito comprometido, e como eu te digo aqueles que tentam inclusive buscando horários alternativos o auxílio nosso para conseguir entender melhor aquilo que está sendo ensinado ai a gente explica, mas fazer um planejamento especifico no caso destes estudantes especiais, durante a aula fica difícil, conseguir atender separadamente porque o restante da turma está aguardando. (P 7)

O planejar conjunto, envolvendo outros professores, o departamento de ensino e até mesmo outras escolas é um fator que P1 traz como reflexão:

[...] eu falo isso com os colegas, que a gente se sente muito superior naquela disciplina que a gente ministra, eu sempre fiz assim e ponto final. Não, não é assim e a pandemia veio para mostrar isso, mas não, quando eu vou planejar sou eu comigo mesma. Infelizmente, o ideal seria a gente ter uma conversa com as outras áreas, e eu falo por mim porque muitas vezes eu penso que poderia fazer um trabalho conjunto e acaba que com a rotina e o número de turmas grande tu acaba que fica no piloto automático. (P 1)

O ato de fazer sempre o mesmo e isso está dando certo, o fato do professor se sentir o dono do poder traz consigo enraizado a questão do empoderamento em sala de aula, onde o estudante não tem voz, principalmente aquele que apresenta dificuldades e fica de lado, por não conseguir ser visto e acompanhar o restante da turma.

Corroborando, Nicolau (2015) percebe o planejamento como um estímulo que requer tempo para corresponder às expectativas do que os discentes necessitam no processo ensino-aprendizagem. O objetivo do planejamento está associado à pratica da reflexão acerca das melhores formas de fazer determinada atividade, com a finalidade de alcançar algumas metas. Em outras palavras, o planejamento precisa ser visto como uma organização prévia na qual se coordena a “trilha a ser seguida”, apontando à concretização de forma organizada daquilo que foi pensado.

A questão da avaliação, para P1, é importante, mas precisa ser revista, considerando a forma como tem sido aplicada, uma vez que a pandemia propiciou muitas críticas a este instrumento:

A gente tem muito do tipo, esta mania da prova escrita, que agora no sistema online ela ainda é aplicada, mas ela caiu por terra, pois a gente não sabe se é o aluno mesmo que está fazendo, então se a gente não acordou agora e viu que esta não é a única forma de se avaliar, existe N formas. Eu sou muito fã, da avaliação presencial oral, conversar com o aluno. (P 1)

A questão de ter uma avaliação diferenciada/adaptada, foi relatada, também, por P8, como um cuidado ao conhecer o estudante, saber das suas limitações:

[...] durante as avaliações eu consigo desenvolver alguns critérios um pouco diferenciados, porque eu sei que o aluno tem um limite, então tem alguns que

não adianta ficar segurando. Conhecendo o aluno estabelecendo um relacionamento diferenciado, para alguns que tem mais dificuldade, não que ele não possa alcançar o nível dos demais, mas necessitam um trabalho extra. (P 8)

Quanto a realizar atividades diferenciadas, adaptadas, P2 diz que elabora, juntamente com a ajuda de algum estagiário, mas somente para aqueles casos que há algum tipo de diagnóstico.

[...] nós temos ali alguns estudantes que possuem diagnóstico, enfim, e estávamos trabalhando com estagiários de educação especial e tentando atender estes estudantes em horário individual, no sentido de trabalhar individualmente com ele, evidentemente que para isso eu preciso fazer um planejamento das atividades que eu trabalho com eles. (P2)

Para Falvo (2018), as avaliações adaptadas deverão dar importância aos fatores cognitivos, afetivos e relacionais; ser significativas; configurar um desafio estimulante, não impossível de ser realizado; permitir sempre um comparativo com um momento anterior; explorar o erro; ser cuidadosas na abordagem do conteúdo (conceituais, procedimentais e/ou atitudinais); promover generalizações e transferência de conhecimento; ensinar o estudante a fazer uso do aprendido para realizar novas atividades e incorporar controle e responsabilidade para o estudante.

Nesse sentido, P3 afirma que conta com a colaboração do departamento de ensino e toda a equipe de profissionais que ali estão, para lhe dar o suporte necessário no momento de realizar um planejamento adaptado para estudantes que necessitam, e se diz muito satisfeito com o auxílio recebido:

[...] tem junto ao departamento de ensino o núcleo de acessibilidade, que nos dão um suporte fantástico, elas são qualificadíssimas e te passam um segurança na tomada de decisão na hora de aplicar alguma atividade, reconstruir algo planejar novamente, então a gente tem uma segurança muito grande em relação a isso e uma liberdade para acessar este núcleo. (P3)

P10, também, salienta a colaboração do departamento de apoio pedagógico para o atendimento aos estudantes com dificuldades:

[...] olha, o que a gente tem feito e eu falo do colégio é contar com o apoio pedagógico que nós temos na escola industrial e que eu considero um programa muito bom, e na minha área, por exemplo, de inglês a gente contou com uma bolsista este ano que fez um trabalho excelente. (P 10)

Assim como outros professores, P4 conta com o apoio do departamento de ensino e de outras instâncias da universidade para realizar um planejamento adaptado para este público:

[...] sim, inclusive a gente tem um apoio do pessoal ali do Centro de Educação, que já disponibilizou duas estagiárias de fim de curso e outras já eram mestrandas, e uma educadora especial, uma menina que era da TO, porque tem alguns estudantes que tem alguns problemas, como e que vou te dizer: um atraso, um pequeno retardo algumas dificuldades de engajamento, ou limitações mesmo. (P 4)

Segundo os participantes da pesquisa, os estudantes que ingressam no ensino do CTISM, seja ele qual for, podem passar por um processo de adaptação com a demanda de estudos e cargas horárias de aulas, muitas vezes resultando em reprovações e dificuldades em acompanhar o conteúdo. Por isso, foi pensado em um projeto que os ajudassem a passar por este processo de forma mais tranquila. O projeto teve início em 2015 e foi aperfeiçoando-se ao longo de sua trajetória. O grupo de integrantes do apoio pedagógico funciona a partir de demandas, solicitadas ou não, por meio de dificuldade dos estudantes e ou por intermédio de solicitação de professores que percebem dificuldades nos discentes. De acordo com estas demandas, ocorrem seleções de bolsistas de áreas específicas para atuarem e integrarem o projeto, por meio de divulgação de edital. Os interessados fazem inscrição e passam por entrevista com o Departamento de Ensino.

Já em relação ao atendimento aos estudantes do Colégio Politécnico, o Colégio conta com o Departamento de Ensino e o apoio do Núcleo de Acessibilidade da Coordenadoria de Ações Educacionais da UFSM, que visa oferecer condições de apoio e acessibilidade às pessoas com necessidades especiais no espaço acadêmico. Cada estudante com deficiência, ou que necessita de um acompanhamento diferenciado é encaminhado para o Departamento de Ensino, que faz a mediação com o Núcleo da UFSM, realizando reuniões iniciais com os estudantes onde são levantadas as suas necessidades. O Núcleo de Acessibilidade oferece aos estudantes da UFSM os serviços Tradução/Interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras), Atendimento Educacional Especializado (AEE), Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia. A partir do AEE, que é realizado semanalmente, são organizados documentos orientadores aos docentes, com sugestões de estratégias pedagógicas e avaliativas que podem contribuir com o processo de ensino aprendizagem dos estudantes que estão em acompanhamento. O Núcleo de Acessibilidade, também, oferece suporte aos docentes, auxiliando no processo de adaptação das atividades escolares e das avaliações. Por esse motivo, regularmente, são promovidas rodas de conversa para tratar sobre a inclusão no Colégio. Esses tempos e espaços de troca têm favorecido a formação permanente nessa temática. Além disso, ações diversas de formação nessa área têm sido amplamente incentivadas e divulgadas no espaço escolar.

O cuidado com a segurança dos estudantes é o que P5 revela na hora de suas atividades práticas, optando por dividi-los em pequenos grupos, conseguindo desse modo realizar um atendimento diferenciado, sanando dúvidas individuais, garantindo a segurança de todos, por se tratar de aulas em que há riscos:

[...] eu proponho de ir com eles lá fora, porque na usinagem além do conhecimento tem que ter muitos cuidados com a segurança dos estudantes e com a nossa também, então é melhor que vá dois ou três fora do horário de aula, porque daí é mais tranquilo, porque lá durante a aula a gente não divide a turma, é uma estratégia pedagógica diferente o conteúdo é o mesmo mas eu vou pegar dois, três de forma individual para trabalhar. (P 5)

P8 também se utiliza das aulas práticas fora da sala de aula para realizar esta explicação mais individualizada com os estudantes, não chega a esquematizar, mas sente que têm surtido efeitos os atendimentos em grupos pequenos:

[...] eu não esquematizo, mas dentro da prática, ela é uma disciplina experimental, no laboratório de química, para eles aprender técnicas que obvio exige conhecimentos teóricos, um pouco de cálculos, daí faço algumas aulas na sala de aula teóricas, já preparando eles, da parte pratica, depois que a gente vai para o laboratório, ali consigo desenvolver um trabalho mais individualizado para eles, então, de identificar alguns tipos de dificuldades, este trabalho tem que ser diferenciado. (P 8)

O trabalho com práticas em pequenos grupos é uma estratégia adaptada que dá certo, pois o professor consegue sanar as dúvidas mais específicas neste planejamento. Para P6, estudantes com dificuldades que se prolongam ao longo do ano letivo são uma preocupação no momento em que são vistos tardiamente, sendo que muitos deles recusam ajuda especializada, gerando ações com caracterizações mais generalizadas:

[...] infelizmente a gente consegue atuar muito de forma muito tardia, quando a dificuldade de aprendizagem daquele aluno já somou tanto desgaste pra ele que qualquer ação que a gente possa planejar acaba se perdendo, enfim, as vezes o aluno aceita a sua própria limitação, as vezes os aluno diz que não, não é que ele não aceita ajuda mas ele recuam quando a gente tenta ajudar, eles acabam se fechando e a gente não tem acesso a este aluno para tentar fazer um planejamento diferenciado, então acaba se tornando ações generalizadas para tentar contornar de uma forma mais geral. (P 6)

Adaptar slides, tamanho de letra, chamar no quadro para realizar atividades são as alternativas que P9 realiza com os estudantes que apresentam mais dificuldades na sua disciplina, não chegando a alterar os conteúdos, mas realizando adaptações na turma:

Sim, de conteúdo não, pois eu ministro o mesmo conteúdo eu no caso mudo os slides, altero o tamanho de letra, colocava ela mais para a frente, para poder enxergar melhor, só que eu instigava mais ela, eu explicava uma coisa difícil as vezes, daí eu perguntava Joaozinho você entendeu? Então me responde, daí eu perguntava para dois, três e pá, e perguntava para ela, entendeu. Então, tu tenta que eles participem também, que eles fiquem prestando atenção, alguma coisa assim. (P 9)

Entre os profissionais entrevistados, cinco relataram não realizar um planejamento adaptado aos estudantes com dificuldades, mas adaptando tamanho de letras, lugar na sala, leitura de um texto em voz alta, dando mais ênfase ao estudante com certa dificuldade. Para Peripolli (2018), cabe aos professores integrarem o conteúdo ao contexto dos estudantes, proporcionando-lhes esclarecimentos, apresentando significados, relevância, relacionando-os com sua realidade e com seu futuro próximo.

Os colégios precisam trabalhar a forma de criar possibilidades para conduzir o estudante na busca pelo conhecimento, por exemplo, associando estas informações com a realidade dos mesmos, inseri-las no contexto local, aproximar da sua cultura, para que assim possam perceber o significado dos conteúdos trabalhados em sala de aula; e principalmente formar cidadãos críticos, autônomos, participativos, que buscam transformações para a sociedade.

5.4 FORMAÇÃO CONTINUADA PARA APRIMORAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

As instituições de ensino oferecem formações aos seus docentes durante o percurso do ano letivo, para que os professores se especializem em inúmeros temas ofertados, assim como para que repensem e modifiquem suas práticas pedagógicas, principalmente frente aos estudantes com dificuldades de aprendizagem. As oportunidades de formação continuada no aprimoramento da prática docente com estudantes com dificuldades de aprendizagem será a temática abordada nessa categoria

Segundo Machado (2017), as instituições de ensino necessitam priorizar em seus espaços momentos formativos que amparem os professores da EPT a (re)pensar sobre o novo perfil profissional. Igualmente devem perceber a relevância desse processo, de modo que possibilitem a formação continuada e, mais do que isso, os docentes precisam sentir tal necessidade, precisam buscar e requerer esse direito, para que a partir das oportunidades possam estudar, refletir, compartilhar, vivenciar e aplicar, conjuntamente, planejamentos que busquem atingir os diversos níveis e modalidades da EPT; formando cidadãos qualificados para atuar em diversos setores da economia, conscientes da importância do seu papel e valor na sociedade.

P1 aponta que a instituição na qual leciona sempre proporciona a seus docentes formações diversas, na forma de oficinas, palestras. Devido à pandemia, nos últimos dois anos, as formações ocorrem na modalidade online, que já não apresenta a mesma qualidade do presencial, segundo a professora:

[...] a gente fez vários cursos assim estilo capacitação, tem todo ano uma série de cursos, oficinas, sobre N assuntos, agora especificamente eu não saberia te dizer qual área específica, mas a gente sempre debate sobre currículo, metodologias, cursos curtos assim. Só que nos dois últimos anos o negócio está assim muito afastado, a gente assiste de forma online daí não é a mesma coisa, não sei se supriu todas as demandas porque as vezes as minhas demandas são diferentes do meu colega (P 1)

P1 salienta a importância dessas formações serem voltadas para a identificação e entendimento das dificuldades de aprendizagens dos estudantes, uma vez que, entendendo-as e reconhecendo-as, poderia ser feito um trabalho, um acompanhamento muito mais especializado em que o estudante seria beneficiado desde o início do ano letivo:

[...] eu vejo que poderia ser mais focado pra esta questão da identificação das dificuldades dos estudantes o que nos ajudaria a conseguir identificar os problemas, porque acho que muitas vezes pela deficiência na nossa formação, a gente coloca algumas deficiências em um bolo todo, mas talvez tenha alguma questão pontual que de certa forma seja fácil de abordar ou mesmo de tratar e que aquele aluno vai conseguir acompanhar o ano letivo com qualidade, com satisfação, até mesmo com felicidade. (P 1)

Por meio da prática do dia a dia, P2 embasa a sua formação, entendendo as reuniões pedagógicas, realizadas semanalmente, como uma espécie de formação, não formal, para lidar com os estudantes com dificuldades de aprendizagem, levantadas e debatidas pelo grande grupo de professores:

[...] acredito que nós nos formamos, dia após dia e da reflexão de nossa prática, então, este esforço de tentar entender quais são as dificuldades, acontece dentro do próprio grupo de professores, por meio das reuniões semanais, onde os tópicos, algumas vezes são relacionadas aos estudantes que apresentam algumas dificuldades que o professor está apresentando em relação a algum aluno, isso vem à tona na própria reunião eu posso dizer que se isso não é uma formação oficial, formal, mas ali nós estamos debatendo sobre estas práticas. (P 2)

A instituição de ensino na qual P3 leciona viabiliza informações de onde buscar formações pedagógicas, então pode-se dizer que não há formação formal, mas há acesso a informações sobre possibilidades de capacitação:

Formação no sentido formal da palavra não, mas sempre que há alguma discussão alguma roda de conversa alguma iniciativa seja por parte dos programas da universidade, ou de fora da universidade a gente sempre é convidado recebe via e-mail, WhatsApp, recebe diretamente acesso a informações daí fica muito a cargo do docente procurar e se inteirar. (P 3)

O professor que vai além, que busca por formações se prepara não somente para as suas práticas em sala de aula, mas para a vida pessoal também, uma vez que o conhecimento abrange uma vasta área de saberes e práticas. P4 relata a importância das oficinas semestralmente oferecidas pelo departamento de ensino, as quais incentivam e apresentam formas inovadoras para ministrar os conteúdos de suas disciplinas:

[...] sim, nós temos oficinas a cada semestre sendo oferecidas pelo departamento de ensino, onde eles fazem uma reciclagem de práticas pedagógicas, incentivam novas formas, como você pode fazer um e-book, um material, criar um canal para ti no Youtube, o áudio visual facilita, alguns materiais impressos, de organograma de mapas mentais, para alguns que são mais pictóricos, então tem sempre oficinas. (P 4)

A falta de tempo para se dedicar a cursos, formações e oficinas foi uma questão levantada por P4, que se mostra interessado em inovar as suas práticas, mas ressalta que em cursos como o de LIBRAS, por exemplo, leva-se muito tempo para aprender. Assim, caso ele precise se utilizar do recurso do departamento de ensino que envia o intérprete:

[...] tem oficina de LIBRAS, mas daí a gente tem um profissional tu sabe, a gente está sempre estudando. Tu orienta na pós graduação, curso técnico, tu tem uma carga horária de quase vinte horas por semestre, é bem pesada, fazer pesquisa, orientar estudantes, ir para o campo, daí você vai lá para aprender libras, [...] vou usar o pessoal lá do departamento de educação que vão nos auxiliar dentro da nossa sala de aula. (P 4)

A formação continuada, segundo os professores entrevistados, não ocorre, por entenderem que a sua prática está dando certo, por comodismo e, muitas vezes, pela falta de convocação para cursá-la.

A fim de melhorar a formação inicial, Machado (2017) diz que a formação continuada surge como uma oportunidade para amenizar os anseios dos professores. Por meio dela, pode ocorrer uma atualização e uma ressignificação da prática docente, uma vez que favorece a reflexão sobre a ação, pois o professor precisa refletir, constantemente sobre a sua prática, ser autocrítico sobre suas ações; só assim, torna-se capaz de contribuir para um processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

Por isso, é preciso problematizar essa formação, através de uma visão dialógica, para que os professores consigam de alguma maneira desacomodar o pensamento e a produção de conhecimento para além da sala de aula. Assim, a prática do ensino e aprendizagem ocorre da melhor maneira possível, mas conscientizando os professores da importância da sua prática (Miranda, 2017).

Dutra (2015) afirma que a formação do docente não deve tratar somente da sua preparação técnica. Objetiva-se ter a consciência da qualificação no sentido de uma preparação humana em sua totalidade. A prática desse professor não deve ser efetivada de forma dissociada da formação integral da sua personalidade. Caso contrário, as metas de sua intervenção técnica não surtirão o efeito desejado. A meta do que seja educar, neste instante, de maneira a contribuir para a formação de indivíduos capazes de produzir soluções para desafios que lhes são apresentados no dia a dia.

Para Machado (2017), é conveniente às instituições de ensino repensar como acontece o processo de formação dos professores, considerando a relevância de o corpo docente opinar sobre essa construção, isto é, os docentes precisam ser consultados, precisam ajudar a pensar como podem ocorrer os momentos formativos no espaço escolar, quando serão oportunizados, e de que modo a formação contínua precisa ser feita para que se tenha um resultado significativo no trabalho do professor e, posteriormente, para o estudante em sala de aula. Dessa forma, evidentemente, quando se têm os propósitos e as definições necessárias para uma formação continuada, certamente, novas ideias e soluções são encontradas durante a caminhada para serem aplicadas no processo de ensino-aprendizagem.

A questão da falta de participação dos docentes em formações foi algo sobre o qual P5 lamenta. Pelo fato de já ter sido membro da equipe que organizava esses cursos, afirma que, se não há uma convocação, os professores não participam:

[...] olha a gente tem várias ações, mas agora que começou a pandemia ficou bastante complicado, eu não lembro agora, mas houve vários cursos pequenos. Bom, vou ser bem sincero contigo, infelizmente se não há uma convocação, são poucos professores que participam, infelizmente. Na pandemia não teve nenhuma pela instituição, teve pela universidade. (P 5)

Quanto a isso, P6 manifestou:

[...] é uma pergunta um pouco difícil de responder, mas sim claro que não com a frequência e tempo necessários, não com a dinâmica que nós professores gostaríamos, mas sim é ofertado eu não posso dizer que não é ofertado. (P 6)

As formações são ofertadas pelas instituições pesquisadas, mas não são todos os professores que conseguem fazê-las. P7 relata que, por mais que formações sejam oferecidas, continua sendo difícil esta prática frente aos estudantes com dificuldades de aprendizagem, agravada com a chegada da pandemia:

[...] ah sim, mais de uma capacitação já foi ofertada sim, mas mesmo assim por mais que faça continua assim difícil para a gente (risos) difícil porque a gente começou a ter realmente esta experiência há poucos anos e de repente vem a pandemia. (P 7)

Por meio de reuniões pedagógicas e do levantamento da demanda dos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem, segundo P8, o departamento de ensino oferece capacitações para os docentes conseguirem lidar melhor com as práticas frente aos estudantes, muitas vezes, trazendo contribuições até de fora da universidade para que isso ocorra:

[...] o departamento de ensino promove sim, dependendo da demanda dos próprios professores possam trazer, de trazer profissionais de fora para dar palestras, dar capacitação para a gente entender um pouco, eu percebi estas ações em 2020 e 2021, ainda de forma remota. Anterior ao remoto eu lembro que tivemos poucas ações, mas eu lembro desta preocupação e deste olhar, sim, da direção do departamento para estes estudantes. (P 8)

P9 relata que, antes da pandemia, contava com a formação do pessoal do departamento de ensino, sendo que, quando ocorre uma dificuldade, é preciso buscar saná-la:

[...] antes da pandemia a gente fazia muitos encontros, então as gurias da reitoria, pessoal que trabalha com a inclusão, devido a demanda, faziam uma mesa redonda e cada uma comentando as suas dificuldades os seus exemplos, o que estávamos fazendo para melhorar aquela situação e acaba ajudando os colegas assim, as vezes tinha cursos, palestras, online, sobre inclusão principalmente na pandemia sobre ferramentas do que a gente poderia usar, para a inclusão digital. (P 9)

De acordo com Peripolli (2018), para atender a essas demandas que o mundo do trabalho apresenta, é necessário que a formação consiga desenvolver um novo perfil de professor, que ele se torne mediador da aprendizagem, tenha capacidade de formar um ambiente propício à aprendizagem, domine o conteúdo e consiga explicar,

de forma clara, conhecendo as exigências dos espaços profissionais e sociais. Percebe-se que é um trabalho desafiador fazer com que os agentes do aprendizado modifiquem sua forma de organizar e planejar as aulas, de modo, a torná-las mais dinâmicas, interativas e participativas. Isso depende do fator motivação e interesse dos professores em buscar novos conhecimentos; entretanto, envolve instâncias maiores como as questões de valorização dos mesmos e remuneração.

Outro fator levantado pelos participantes da pesquisa relaciona-se às demandas emocionais. Preocupada em como atender a demanda de estudantes com depressão, devido à pandemia, P10 procurou especializações e, junto a outros colegas, solicitou capacitações sobre assuntos relacionados à aprendizagem:

[...] sim, estes tempos fiz um de como identificar sinais de depressão que foi algo que a gente percebeu bastante com o ensino remoto, até casos mais sérios, então a universidade promoveu vários cursos, para que a gente possa discutir, estar mais bem informado é uma demanda até dos professores, as vezes a gente até incomoda no bom sentido o departamento de ensino, até para a gente entender melhor a questão da aprendizagem. (P10)

Ainda para esta professora, o fazer docente requer formações, atualizações para poder atender todos os estudantes:

[...] os cursos foram da demanda dos professores, nós que pedimos para que houvesse sobre aprendizagens, estudo do cérebro humano, aspectos cognitivos da aprendizagem, também com as deficiências, eu não domino libras, pretendo fazer um curso em breve por que o fazer docente é acolher a comunidade em geral, mas assim a incentivo. (P10)

A busca por formação necessita ser constante no fazer pedagógico de qualidade, porém não houve unanimidade quanto a isso no grupo de docentes entrevistados nesta pesquisa.

Para Dutra (2015), o preparo do docente é um dos meios de aperfeiçoar o próprio desenvolvimento, na prática do ensino, desenvolvendo a capacidade para pensar em todas as dimensões pedagógicas, para viabilizar sua especialização de forma crítica.

Peripolli (2018) defende que o profissional docente precisa ampliar os conhecimentos sobre a sua prática, compreender o contexto histórico e cultural do seu ambiente de trabalho, fazer aproximações entre a teoria e a prática. Além disso, cabe ao professor buscar conhecer e utilizar inovações tecnológicas e estar em constante apri-

moramento de seus conhecimentos, pois, com o tempo, a sociedade vem se modificando, requerendo um constante processo de formação, para que possa manter-se qualificado e atender às necessidades emergentes.

Para Machado (2017), essa formação necessita atender às demandas do cotidiano escolar em cada caso, em cada área do conhecimento se for necessário, e não uma política de formação 'engessada', já que é preciso conhecer as necessidades de formação. Cada professor, ou cada grupo de professores, tem seus anseios, seus objetivos, suas peculiaridades, com vistas a amenizar problemas de ensino e aprendizagem, muitas vezes, problemas sociais que fazem parte do atual cenário educacional. Porém, a formação inicial não o preparou para tudo isso, por conseguinte, a formação continuada precisa tratar dessas questões relacionadas ao trabalho docente.

Assim, procurar, atender, persistir são algumas ações que precisam estar na prática dos professores para a busca da formação continuada, corroborando para o aprimoramento da prática docente e para o atendimento aos estudantes com dificuldades de aprendizagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tornou possível responder e refletir sobre os desafios que os docentes da EPT enfrentam em sua atuação, em relação aos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem, revelando como estes professores procuram qualificar sua prática pedagógica para atuar frente aos referidos alunos. Outro ponto que aqui foi debatido refere-se à maneira como a instituição de ensino oferece apoio e formação continuada para a melhoria do ensino e das práticas pedagógicas.

As práticas pedagógicas dos professores na educação profissional e tecnológica em relação aos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem são flexíveis, caracterizadas pelas peculiaridades como ir a campo, uso de laboratório, sala de máquinas, intercalando com aulas teóricas em sala de aula, a depender da realidade de cada curso e da dificuldade de cada estudante/professor.

As principais dificuldades de aprendizagem dos estudantes identificadas pelos participantes da pesquisa estão relacionadas à falta de organização, de interpretação, da capacidade de resolver cálculos simples. Do ponto de vista do aprendizado, caracterizam-se por serem dificuldades pontuais e que ocorrem com poucos estudantes. As dificuldades relacionadas a questões socioeconômicas e culturais, também, foram destacadas.

Para acompanhamento de dificuldades de aprendizagem identificadas nos estudantes, os professores contam com o auxílio de estagiários de diversas áreas que compõem o apoio pedagógico das instituições analisadas, os quais auxiliam os docentes no atendimento, apoio e orientação em relação à melhor forma de atender as demandas dos discentes.

A elaboração de um planejamento adaptado para estudantes que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem causou certo desconforto e, ao mesmo tempo, reflexão, nos participantes da pesquisa, configurando uma dificuldade e uma lacuna que se tornou um marco nesta pesquisa.

Os professores sabem que há formações disponibilizadas pelas Instituições, conhecem e reconhecem a importância de aproveitar as oportunidades de formação continuada para o aprimoramento da sua prática docente com estudantes com dificuldades de aprendizagem. Porém, segundo os participantes, não há adesão, a não ser quando há convocação da instituição.

Os desafios que os docentes vivenciam na atuação frente aos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem são inúmeros e diversas, mas apontaram

a falta de formação como um obstáculo para a mudança desta realidade. Os docentes procuram se especializar, conforme a demanda da instituição de ensino, quando há convocação ou quando o grupo de profissionais se motiva e incentiva a realização de alguma atividade de capacitação.

Infere-se que a prática pedagógica necessita ser desacomodada em busca de capacitação, assim como as instituições precisam estimular os docentes para que isso ocorra. Essa efetivação beneficiará não apenas os estudantes, mas, principalmente, os professores, uma vez que os docentes poderão sentir-se mais seguros e confiantes no desempenho de suas práticas pedagógicas.

A qualidade da educação no nosso país requer investimento financeiro à melhoria da qualidade em nível de acesso e permanência dos estudantes aqui referidos, assim como motivação e meios de formação para os professores que estão à frente desta engrenagem que é o ensino-aprendizagem. Espera-se que essa pesquisa contribua, especialmente na vida de estudantes inseridos na EPT que apresentam dificuldade de aprendizagem, bem como na prática pedagógica de seus professores.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M, L, A. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Moderna, 2006.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. **FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: POR UMA PEDAGOGIA INTEGRADORA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**. Disponível: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/8586-Texto%20do%20artigo-24578-2-10-2011206.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

BAPTAGLIN, L.A. **A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA E A APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA: O QUE ESTÁ SENDO PESQUISADO NAS PRODUÇÕES ACADÊMICO-CIENTÍFICAS?** Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7518_4366.pdf. Acesso em: 27 maio 2021.

BISCARO, Iára Castagnaro. **Dificuldades de aprendizagem ou dificuldades no processo de ensino-aprendizagem?** Um estudo de caso. 2001. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/82089/181226.pdf?sequen ce=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 ago. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf> acesso em 25/03/2020. Acesso em: 04 ago. 2020.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio> Acesso em: 10/01/2022.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil - 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 26 jul. 2020.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1990. Disponível em; http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 27 jul. 2020.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases**, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 27 jul. 2020.

_____. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 28 jul. 2020.

_____. **Resolução 510/2016**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> acesso em 05 ago. 2020.

_____. **Resolução CNE/CP Nº 1, DE 5 DE JANEIRO DE 2021**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578>. Acesso em: 13 out. 2021.

_____. **MEC. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO INTE-**

GRADA AO ENSINO MÉDIO DOCUMENTO BASE. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em: 13 out. 2021.

CARARA, M.L. **DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E VULNERABILIDADE SOCIAL SOB A PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR**. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Mariane.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

CORREIA, Luis de Miranda. **Para uma definição portuguesa de dificuldades de aprendizagem específicas** <https://www.scielo.br/j/rbee/a/hsNnBvhrkSn8SHDxk-CTStr/?lang=pt#:~:text=A%20defini%C3%A7%C3%A3o%20diz%20o%20se-guinte,%2C%20escrita%2C%20racioc%C3%ADnio%20ou%20matem%C3%A1ticas>. Acesso em: 29 ago. 2022.

CORREIA, Luis de Miranda. **Problematização das dificuldades de aprendizagem nas necessidades educativas especiais**. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/viewFile/197/pdf>. Acesso em: 24 ago. 2020.

DUTRA, Juliana Alves Pires. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL**. file:///C:/Users/Daniela/Downloads/282-567-1-SM.pdf. Acesso em: 22 ago. 2022.

DRIESSNACK, M.; SOUSA, V. D.; MENDES, I. A. C. **Revisão dos desenhos de pesquisa relevantes para enfermagem**: Parte 3: Métodos mistos e múltiplos. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2007, v.15, n. 5, p. 1046-1049. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n5/pt_v15n5a24.pdf. Acesso em: 10 fev. 2021.

FALVO, Silvia Rocha. **Avaliações Adaptadas**: os passos a serem seguidos. https://www.researchgate.net/publication/349326047_Avaliaco es_Adaptadas_os_passos_a_serem_seguidos. Acesso em: 22 ago.2022.

FAVRETTO, J, SCALABRIN, I,S. **EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: MARCOS DA TRAJETÓRIA**. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22698_11447.pdf. Acesso em: 30 maio 2021.

FONSECA, V. (1995). **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2a. edição. Porto Alegre: ArtMed.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. **Prática pedagógica e docência**: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVspzTq/?lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1993

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

GARCIA, J.N. **Manual de dificuldades de aprendizagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GATTI, B; ANDRÉ, M. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis, RJ, 2010, 336pg.

IBGE **Educa**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 31/05/2021. Acesso em: 19 out. 2021.

IBGE - **Síntese de Indicadores Sociais**. Uma Análise das condições de vida da população brasileira. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

LERNER, J.W. (2003). **Learning disabilities. Theories, diagnosis, and teaching strategies**. Boston: Houghton Mifflin Company.

LOURINHO, L.A. **Identificação precoce da dificuldade para aprender como estratégia de promoção da saúde**. 2005. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Saúde) - Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Disponível em: <https://uolp.unifor.br/oul/conteudosite/F1066342272/Dissertacao.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

MACHADO, Daiana de Avila. **A FORMAÇÃO DOCENTE E O ENSINO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: PERSPECTIVAS, DESAFIOS E REFLEXÕES**. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5064643. Acesso em: 21 ago. 2021.

MANZINI, E.J. **ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: ANÁLISE DE OBJETIVOS E DE ROTEIROS**. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acesso em: 29 maio. 2021.

MALDANER, J.J. **A FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: BREVE CARACTERIZAÇÃO DO DEBATE**. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/5811/pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

MARTURANO, E.M., PARREIRA, V.L.C. e BENZONI, S.A.G. (1997). **Crianças com queixa de dificuldade escolar: Avaliação das mães através da Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter**. Estudos de Psicologia, 14(3), 3-15.

MIRANDA, Fernanda Machado. **DESAFIOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA USO DAS TDIC NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7949742. Acesso em: 03 out. 2021.

MIRANDA, Pauline Vielmo. **A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DO ENSINO TÉCNICO: PARA ALÉM DA INSTRUÇÃO**. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5064721. Acesso em: 19 maio 2021.

MOURA, D, H. **Trabalho e formação docente na educação profissional** – Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. - (Coleção formação pedagógica; v. 3) Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/pesquisa/editora/livros-para-download/trabalho-e-formacao-docente-na-educacao-profissional-dante-moura>. Acesso em: 24 set. 2020.

MOURA, H.D. **A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica.** Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2863/1004#>. Acesso em: 20 maio 2021.

NICOLAU, Adriani **PLANEJAMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR.** <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151583/001009039.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022

PERIPOLLI, Patricia Zanon. **SPOC: UMA ALTERNATIVA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA.** Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6584911. Acesso em: 23 maio 2021.

PIAGET, J. **Aprendizagem e conhecimento.** Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S/A, 1974.

ROMARO, R.A. e CAPITÃO, C.G. (2003). **Caracterização da clientela da clínica-escola de psicologia da Universidade de São Francisco.** Psicologia: Teoria e Prática, 5(1), 111- 121.

ROTTA, N.T; OHLWEILER, L; RIESGO, R.S. **Transtornos da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Porto Alegre, 2016. 496pg.

SANTOS, G,S, MARCHESAN, M,T,N. **EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT) NO BRASIL E SEUS DOCENTES: TRAJETOS E DESAFIOS.** Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/5477/0> Acesso em: 30 maio 2021.

SANTOS, M,T,A, MORILA, A,P. **A Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: uma trajetória de projeções utilitaristas e seus percalços.** Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/kirikere/article/view/19731> Acesso em: 15 jun. 2021.

SAVIANI, D. **Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf> acesso em 24 set. 2020.

TORRES, Elaine da Rocha. **O estudante adolescente e a ausência de estímulo no processo ensino aprendizagem.** Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47245>. Acesso em: 22 set. 2020.

VIEIRA, A,M,D,P, JUNIOR, A,S. **A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL.** Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/10691-Texto%20do%20Trabalho-31936-1-10-20170116.pdf> Acesso em: 30 maio 2021.

VYGOTSKY, L.S.A. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE I - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA OS PROFESSORES

- 1) Quais são as principais dificuldades de aprendizagem que os estudantes apresentam dentro do contexto escolar? Descreva as dificuldades:
- 2) Você considera que essas dificuldades podem ser superadas individualmente, a partir de questões escolares antecedentes a disciplinas? Ex.: rotina de estudos, organização de material e etc.
- 3) Você realiza um planejamento diferenciado para os estudantes com dificuldades de aprendizagem?
- 4) Caso responda sim na questão anterior, percebe que estes estudantes conseguem realizar as atividades sozinhos ou necessitam de auxílio para realizar as tarefas?
- 5) Através de planejamentos adaptados a estes estudantes, você considera que há aprendizagem?
- 6) Há um acompanhamento/auxílio para você no momento de elaborar este planejamento?
- 7) Quais as dificuldades que você encontra no trabalho pedagógico com estes estudantes?
- 8) A instituição possui grupos/projetos voltados ao auxílio para os estudantes, com propósito de superação dessas dificuldades?
- 9) Se a pergunta anterior foi sim, como você compreende o papel destes grupos/projetos?
- 10) A instituição de ensino o incentiva e/ou proporciona formações voltadas ao atendimento de estudantes que apresentam dificuldades?
- 11) Você se sente preparado para trabalhar com os estudantes com dificuldades de aprendizagem?
- 12) Você acredita que sua formação é suficiente para trabalhar com estes estudantes?

ANEXO I - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: Percepções e ações docentes frente às dificuldades de aprendizagem de estudantes na Educação Profissional e Tecnológica

Pesquisador responsável: Sabrina Fernandes de Castro

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Telefone para contato: (55) 9970-6013 e (55) 3220-8925

Local da coleta de dados:

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de entrevistas individuais com os professores. A aplicação desse instrumento se dará por meio dos encontros online, via *google meet*, a partir de setembro de 2021.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 16, Departamento Educação Especial, sala 3243A, 97105-970 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Sabrina Fernandes de Castro. Após este período, os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em ____/____/2021 com o número de registro Caae _____ e parecer número

Santa Maria, ____ de _____ de 2021.

Assinatura do pesquisador responsável

ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Percepções e ações docentes frente às dificuldades de aprendizagem dos estudantes na Educação Profissional e Tecnológica.

Pesquisador responsável: Daniela Tatsch Neves e Sabrina Fernandes de Castro

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/ Departamento de Educação Especial

Telefone e endereço postal completo: (55) 99703-6013 e (55) 3220-8925. Avenida Roraima, 1000, prédio 16/Centro de Educação, sala 3243A, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados: Colégio Técnico Industrial de Santa Maria – Ctism e Politécnico.

Eu, Daniela Tatsch Neves, estudante do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional Tecnológica, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na qual estou realizando uma pesquisa intitulada “Percepções e ações Docentes frente às dificuldades de aprendizagem dos estudantes na Educação Profissional e Tecnológica”, sob a orientação da Professora Dr^a Sabrina Fernandes de Castro, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Por meio desta pesquisa, pretende-se investigar as práticas pedagógicas dos professores na Educação Profissional e Tecnológica em relação aos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem, a fim de conhecer como esses profissionais modificam as suas metodologias frente a esses estudantes.

. Sua participação constará na coleta de dados por meio de entrevistas abertas com os professores, através dos encontros online, via *google meet*, a partir de janeiro de 2022. Sua participação constará na gravação dos encontros online a partir de vídeos. Venho, por meio desta, solicitar a autorização para transcrever, armazenar e utilizar os registros dos encontros, entrevistas e orientações, a fim de viabilizar os procedimentos de pesquisa com qualidade e fidedignidade. As informações e dados coletados da pesquisa estarão disponíveis em arquivo (físico ou digital), sob guarda do pesquisador responsável, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Sendo sua participação voluntária, você não receberá benefício financeiro. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. A qualquer momento pode desistir de participar e retirar o consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação à pesquisadora ou à instituição (UFSM).

Os riscos encontram-se dentro da ordem de desconforto psicológico. Dessa forma, caso ocorra algum problema decorrente de sua participação na pesquisa, você terá acompanhamento e assistência psicológica de forma gratuita.

Os benefícios que esperamos como estudo são a obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que podem trazer para a área de Educação.

Durante todo o período da pesquisa, você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em 02/11/2021, com o número de registro Caae 49233421.0.0000.5346, e foi aprovado com parecer número 076272/2021.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo nominal sobre sua participação.

Daniela Tatsch Neves

Mestranda

Prof^a. Dr^a. Sabrina Fernandes de Castro

Orientadora

ANEXO III – AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais me foi entregue.

Assinatura do participante

Santa Maria, 01/02/2022.

ANEXO IV - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Eu, abaixo assinado, responsável por diretor do, autorizo a realização do estudo Docentes frente às dificuldades de aprendizagem dos estudantes na Educação Profissional e Tecnológica, número do projeto....., Colégio Técnico Industrial a ser conduzido pelos pesquisadores Daniela Tatsch Neves, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação Profissional Tecnológica, UFSM; Sabrina Fernandes de Castro, Orientadora, Departamento de Educação Especial, Centro de Educação, UFSM.

O estudo só poderá ser realizado se aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Santa Maria, /07/2021.

Diretor do Colégio Politécnico da UFSM

ANEXO V - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Eu, abaixo assinado, responsável por da UFSM, autorizo a realização do estudo Percepções e ações docentes frente as dificuldades de aprendizagem de estudantes na Educação Profissional e Tecnológica (nome do projeto e número no GAP/Centro), a ser conduzido pelas pesquisadoras Daniela Tatsch Neves, mestranda, e Sabrina Fernandes de Castro, professora do Departamento de Educação (nome, cargo e lotação).

O estudo só poderá ser realizado se aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Santa Maria, de 2021.

Nome, cargo e lotação
(carimbo)